FÁTIMA·50

Ano III-Nº 35 13/Março/1970

INTERNATIONAL

Jacinta segundo a escultura da artista italiana Marta Sammartini

JACINTA

E A MENSAGEM DE FÁTIMA

Fez 50 anos no dia 20 de Fevereiro, que faleceu Jacinta Marto, a pastorinha de Aljustrel a quem Nossa Senhora apareceu. Foi no Hospital de D. Estefânia, eram 22.30. Ainda vivem algumas pessoas que privaram com ela durante os poucos mas dolorosos dias do seu mal incurável. Viera da sua terra para morrer. A Virgem dissera-lhe, quando apareceu aos três pastorinhos, que em breve viria buscar, para o Céu, os dois irmãos: Jacinta e Francisco.

Foram escassos três anos entre o esplendor da visão da Cova da Iria e o esplendor da visão beatífica. Mas foram três anos de Calvário. Um caminho de ascese para que a mística união com Deus se consumasse na pureza de uma alma de criança que ficou como exemplo de santidade para crianças e adultos. Três anos para praticar a mensagem que transmitira, da parte de Nossa Senhora: penitência e oração.

A pequena Jacinta foi uma iluminada para compreender o sentido autêntico da penitência — o sentido comunitário da penitência. Porque ela inocente, nada tinha de que se arrepender, mas sentia o pecado do mundo de que todos somos responsáveis e sobre o qual se nos exige um arrependimento colectivo.

A sua missão, porém, era sobretudo a de alertar as almas, a de chamar a atenção dos homens para as palavras da Mãe de Deus, que viera recordar o Evangelho.

Os diálogos da Jacinta eram como que uma interpretação dessa mensagem, um desvendar de mistérios, um abrir caminhos para conduzir todas as almas a Cristo através do Coração de

DEPÓSITO LEGAL
- 0 MAR 1970

Maria. Foi profeta. Não importa que tivesse ou não compreendido, em toda a profundidade, o que Deus lhe inspirava que dissesse. O que importa é que tudo quanto disse se foi cumprindo e se cumpre, infelizmente: que viriam modas e costumes que muito ofenderiam Nosso Senhor. Cinquenta anos volvidos, verificamos que assim é. O descalabro moral, a contestação sem norte, a dúvida angustiosa por falta de fé, são as marcas do nosso tempo pela vidente profetizadas.

Por isso é que a sua vida de total entrega nas mãos do Senhor, uma entrega voluntária, uma aceitação de sacrifício pela conversão dos pecadores, é, hoje, um sinal grande de esperança. Os males não se anunciam para que se realizem, mas para que se evitem ou corrijam.

Jacinta teve consciência da sua responsabilidade — e, por tal razão, teve mérito e pode considerar-se santa. Não foi boa por ser inocente, mas foi inocente apesar de conhecer, por revelação particular, o pecado do mundo e as suas terríveis consequências. E fez-se vítima expiatória voluntária. A Virgem perguntara-lhe, como ao irmão e à prima, se estaria disposta a sofrer tudo quanto o Senhor julgasse que deveria sofrer pela conversão dos pecadores.

A sua resposta foi «sim» e a sua vida, desde então, foi a concretização desse «sim».

Parece estranho que uma criança tenha uma alma adulta, viva um cristianismo adulto, que é o da responsabilidade solidária. Por muito estranho que pareça, com a pequena pastora de Aljustrel assim aconteceu. A sua piedade não era ilusão infantil: ela vira, em momentos, o que muitos adultos não são capazes de ver ou não querem ver. E condicionou a sua vida à luta entre o bem e o mal, detestando este e buscando aquele. Não houve tempo para se processar no seu espírito a sublimação de tendências a que muitos querem reduzir a vida dos santos. Deu um salto sobre o abismo de todos os mistérios da vida e a sua vida foi de justiça primária e simples: santidade feita de amor de Deus e amor aos homens, pelos quais ofereceu a sua vida com um sorriso nos lábios.

Sofreu muito, mas sabia por que sofria e aceitava sofrer para que outros vivessem na alegria do encontro com Deus.

Jacinta viveu muito em pouquíssimo tempo: o preciso para conhecer-se, para optar e escolher o único caminho: o da verdade e do amor.

O. F.

FÁTIMA·50 INTERNACIONAL

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES, DOCUMENTAL E ILUSTRADA

Ano III - N.º 35 - 13 Março 1970

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção: MÁRIO DE FIGUEIREDO

NESTE NÚMERO:

Jacinta e a mensagem de Fátima	2
Comemorações do 50.º aniversário da morte de Jacinta	4
Jacinta, vidente de Fátima	7
Notícias de Fátima	11
Nótulas de Geografia Humana	16
Problema actual e urgente	24

Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA · Telef. 97468

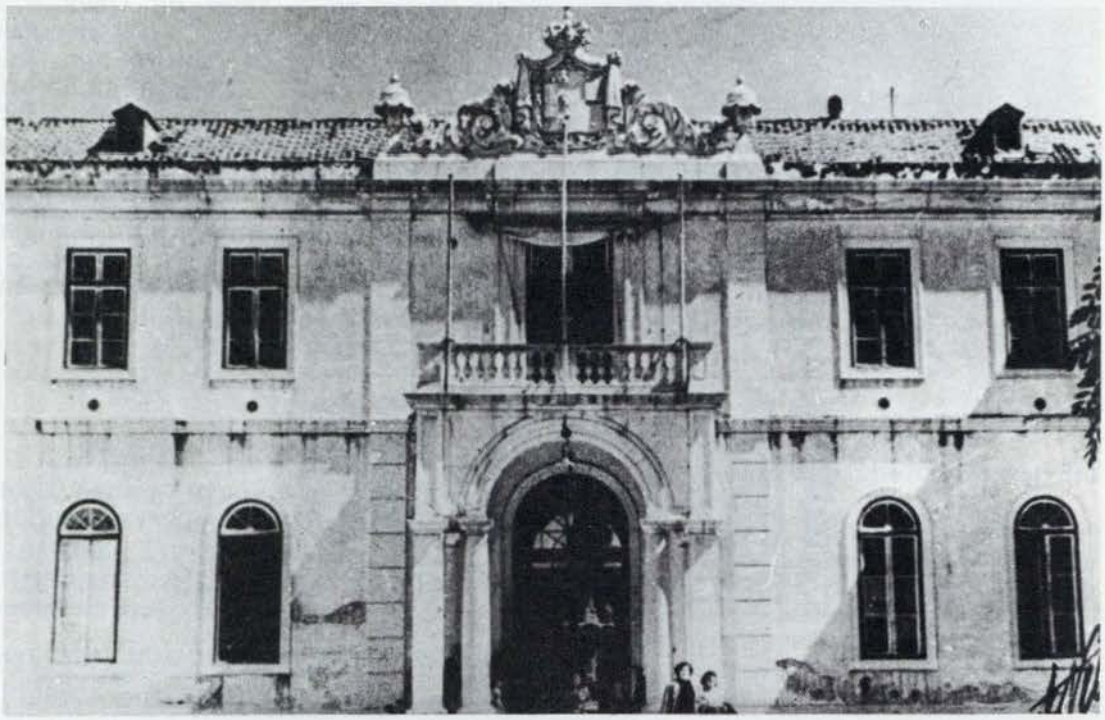
Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

O 50.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE JACINTA MARTO COMEMORADO EM LISBOA E FÁTIMA

MISSA NO HOSPITAL DE D. ESTEFANIA, ONDE A VIDENTE MORREU

O cardeal-patriarca de Lisboa concelebrou, no Hospital de D. Estefânia, com mais dez sacerdotes, capelães hospitalares.

À celebração eucarística, que decorreu numa das salas daquele estabelecimento hospitalar, assistiram a sr.ª D. Gertrudes Thomaz, esposa do Chefe do Estado, e sua filha, sr.ª D. Maria Natália; a directora-geral de Saúde, sr.ª D. Maria Luísa Vanzeller; o director clínico do hospital de D. Estefânia, dr. Eduardo Rosado Pinto; dr. Silva Nunes, director do Serviço de Pediatria; D. Maria da Cruz Repenicado Dias, superintendente dos Serviços de Enfermagem dos Hospitais Civis de Lisboa; D. Clara Guerra, enfermeira geral do Hospital de D. Estefânia; alguns médicos e enfermeiras, religiosas e crianças.



Hospital de D. Estefânia onde a pequena vidente de Fátima faleceu em 20 de Fevereiro de 1920, porventura sòzinha, como um sacrifício mais que Nossa Senhora lhe exigiu.

Durante a liturgia da Palavra, o sr. cardeal-patriarca fez uma homilia. Começou por evocar a data da morte da pequenina Jacinta. A propósito da missa votiva que estava a celebrar, em honra do Coração Imaculado de Maria, frisou quanto era grande a devoção dos pastorinhos da serra de Aire aos Sagrados Corações de Maria e Jesus.

Apontou, depois, a grandeza e delicadeza de alma da humildade pegureira de montanha que, apesar de ingénua e iletrada, conhecia, por acção do Espírito Santo, a riqueza dos dons de Deus. Narrou alguns episódios das Aparições de 1917 que mais maracaram a formosura de espírito da vidente há meio século falecida.

Depois de sublinhar que a história de Fátima é, ao mesmo tempo, divina e humana, fez várias considerações sobre a mensagem trazida à Terra pela mãe de Deus, Mensagem de sacrifício e de oração, para reparação das ofensas e conversão dos pecadores — disse.

Crianças que assistiram, em Fátima, às cerimónias comemorativas do cinquentenário da morte de Jacinta.

Esclareceu Sua Eminência a extraordinária aceitação desta mensagem pela pequena Jacinta, traduzida numa total dedicação e entrega à vontade do Senhor.

«Temos nós — acentuou — esta têmpera de heroísmo cristão?»

Vincou que as maravilhas operadas por Deus na alma e no coração da Jacinta eram fruto da graça. As maiores revelações de Fátima — sublinhou — não são os milagres exteriores, mas a transformação interior, primeiro na alma dos pastorinhos e, depois, na de tantos que acorrem ao santuário da Virgem.

Perante um mundo onde, por vezes a maldade parece cantar vitória, o venerando prelado enalteceu a candura, a singeleza e a virtude da pastorinha que, há mais de meio século, viu a mãe de Deus.

Terminou por dirigir um convite aos fiéis presentes no sentido de pedirem a Deus a fortaleza na fé, de modo que, alicerçados na esperança e na caridade, possam alcançar a graça do perdão e da misericórdia.

No final da missa, que foi acompanhada a cânticos por alunas do Colégio de S. Vicente de Paulo, Sua Eminência ofereceu às crianças pequenos livros com as biografias dos videntes Jacinta e Francisco e medalhas com efígie e relíquias de ambos.

SESSÃO SOLENE NO COLÉGIO DO CORAÇÃO DE MARIA

No dia 21, o bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, celebrou missa na Basílica da Estrela, igreja onde a Jacinta ia frequentemente visitar Nosso Senhor enquanto esteve hospedada, ali ao pé. O acto efectuou-se às 19 e 15 com grande assistência de fiéis, sobretudo crianças. Durante a homilia D. João Pereira Venâncio referiu-se, de modo especial, à devoção que a Jacinta nutria por Jesus no Santíssimo Sacramento e ainda à sua devoção ao Imaculado Coração de Maria, bem como ao seu espírito de desagravo.

À noite, no Colégio do Coração de Maria, à Av. Manuel da Maia, efectuou-se uma sessão solene.

Presidiu o sr. cardeal-patriarca de Lisboa e assistiram os srs. arcebispos de Cízico e de Mitilene e D. Ernesto Sena de Oliveira, ex-arcebispo, bispo de Coimbra, e ainda o srs bispos de Telepte e o de Coimbra, D. Francisco Rendeiro, que foi o orador.

A abrir a sessão, falou o padre Luís Kondor, S. V. D., postulador da Causa de Beatificação de Francisco e Jacinta, relatando factos passados som os últimos dias de Jacinta.

Seguidamente pronunciou a sua conferência o sr. bispo de Coimbra, cujo texto publicamos, na íntegra, noutro local deste número.

Após a conferência foram apresentadas ao público algumas testemunhas das aparições e da vida da Jacinta, nomeadamente os seus dois irmãos João e José Marto, a mulher deste e um filho do casal, sacerdote salesiano, padre José António Soares, sr.ª Maria dos Anjos, irmã de Lúcia, e seu filho, sacerdote salesiano também, padre Valinho, o dr. Eurico Lisboa Filho e D. Celeste Alvaiázere. Todos deram o seu testemunho, apresentados pelos padres Messias e Leite, dois apóstolos de Fátima.

O sr. bispo de Leiria proferiu, também, um interessante depoimento sobre a transladação dos restos mortais da Jacinta de Vila Nova de Ourém para o cemitério de Fátima, em 1935 e, 15 anos mais tarde, do cemitério de Fátima para o jazigo da Basílica da

Cova da Iria, sobre o estado de quase absoluta incorrupção em que se encontrava o Corpo em qualquer das exumações.

Houve depois um breve intervalo antes da representação do «Auto da Rainha dos Céus», do poeta Miguel Trigueiros, sob a direcção artística do dr. Eurico Lisboa Filho, coordenação técnica do padre Luís Kondor, S. V. D., e interpretado por Maria do Céu Lombo, Isabel Rocheta, Isabel Fialho e Carlos Paulo Barata Simões e coros interpretados pelos grupos corais do Colégio do Coração de Maria.

No dia seguinte, o sr. bispo de Leiria celebrou missa na igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa.

Aspecto da missa concelebrada, na Basílica de Fátima, comemorando o cinquentenário da morte de Jacinta

Na Basílica da Cova da Iria as cerimónias comemorativas do cinquentenário da morte da pastorinha Jacinta foram presididas por D. João Pereira Venâncio, com o qual celebraram a Eucaristia os cónegos drs. Galamba de Oliveira e Carlos de Azevedo e os padres Luís Kondor, postulador da Causa de Beatificação dos Videntes, Fernando Leite, director nacional da Cruzada Eucarística das Crianças, Manuel António Henriques, pároco de Fátima, José dos Santos Valinho, sobrinho da Irmã Lúcia e um outro sacerdote espanhol.

A assistência, numerosa, era principalmente constituída por alunos dos seminários e escolas, acompanhados pelos seus professores. Assistiram também três irmãos de Jacinta e Francisto Marto e uma irmã de Lúcia.

Ao Evengelho, o bispo de Leiria evocou a vida e virtudes da pquena vidente Jacinta, pondo em relevo, de modo especial, o seu amor ao Santo Padre, o seu interesse pela conversão dos pescadores em cuja intenção oferecia tantos sacrifícios, a oração de desagravo a Jesus e a Nossa Senhora; convidou, então, as crianças e os jovens a tomarem por modelo esta criança que na virtude foi mulher e em breve, esperamos, veremos glorificada pela Igreja.

Foram muitas as crianças e os jovens que participaram na celebração da Eucaristia pela comunhão.

No fim da missa foram distribuídos livrinhos com a vida da Jacinta e estampas com o seu retrato e orações pedindo a beatificação da pastorinha que viu Nossa Senhora.

HOTEL
RESTAURANTE PANORÂMICO
SNACK BAR
EURO SOL
54 QUARTOS E SUITES COM :
BANHO · RÁDIO · TELEFONE · AQUECIMENTO
SALA DE CONFERÊNCIAS · BAR · BOITE · PISCINA · GARAGEM
LEIRIA · TEL. 24101

JACINTA, VIDENTE DE FÁTIMA

UMA CRIANÇA QUE ENTRA NA HISTÓRIA AOS SETE ANOS

CONFERÊNCIA DE D. FRANCISCO RENDEIRO

Vamos hoje demorar-nos, por instantes, a reflectir sobre a vida de uma criança que decorreu entre os curtos limites de 10 de Março de 1910, data em que nasceu, até 20 de Fevereiro de 1920, data da sua morte, com 10 anos incompletos.

Esta criança aparece-nos aureolada por uma dupla coroa: a da graça extraordinária das revelações de Nossa Senhora e a das suas virtudes pessoais.

Não pretendo traçar aqui a biografia da Jacinta, que há muito anda divulgada entre nós, em livros que têm o sabor das Pioretti de S. Francisco de Assis; também não pretendo analisar pròpriamente o conteúdo das aparições de Nossa Senhora, que lhe dizem respeito, pois este aspecto é bem conhecido; limitar-me-ei a considerar muito simplesmente um outro aspecto das suas reacções às graças que recebeu do Alto, tentando assim destacar o que poderíamos chamar a mensagem pessoal da Jacinta.

• EM QUE MEDIDA UMA CRIANÇA É CAPAZ DE VIRTUDES

A Jacinta é uma criança. Entra na história aos 7 anos, precisamente na idade que habitualmente se costuma indicar como início da vida consciente, e da razão suficientemente despertada.

Em que medida uma criança desta idade é capaz de virtudes pròpriamente ditas, é capaz de santidade; eis um problema difícil de resolver com raciocínios abstractos; só a experiência concreta pode mostrar até onde vai a capacidade de uma criança.

Normalmente os 7 anos são o desabrochar de uma flor que estava em botão fechado e começa a abrir e a crescer, para um dia dar o seu fruto amadurecido. Mas na ordem da graça é difícil encontrar os ritmos da natureza.

A história da espiritualidade cristã tem exemplos surpreendentes.

Entre os santos canonizados há autênticas crianças, mas quase sempre foram mártires. Não falando já dos Santos Inocentes, martirizados antes do uso da razão, por causa do nascimento de Cristo, um dos exemplos mais precoces é o de santa Maria Goretti, martirizada aos 11 anos, com plena consciência do que fazia.

Sem sofrer o martírio foi canonizado S. Domingos Sábio, o pequeno discípulo de S. João Bosco, que morreu aos 15 anos.

Ainda não canonizados encontramos crianças da idade da Jacinta e até mais precoces, que são verdadeiras maravilhas da graça, mas constituem um problema para a psicologia espiritual na medida em que a santidade é uma maturação, e elas eram tão novas. Temos os nomes de Anne de Guigné e Guy de Pontgalland, pequeninos franceses falecidos no princípio deste século, ambos com 11 anos; temos na Irlanda a pequenita Nelly (falecida em 1908) que aos 4 anos e meio fez a sua primeira comunhão e aceitou heròicamente a tuberculose óssea; temos em Luca (Itália) a pequenina Ema Mariani, que fez a sua primeira comunhão aos 3 anos de devoção à Paixão de Jesus; e temos muitas outras, que pena é não serem bastante conhecidas para estimularem a virtude das nossas crianças, sobretudo numa época em que nós, os adultos, andamos tão desorientados.

O problema da santidade é o problema da resposta **sim** ou **não** que alguém dá aos apelos da graça. O **sim** ou o **não** da criança já pode ser uma resposta lúcida e firme, a comprometer a vida toda.

A graça é um apelo de Deus, inteiramente gratuito, como o nome diz, só determinado pelos motivos misteriosos do querer divino, em que nós não podemos penetrar. É um apelo com raízes na eternidade, que se revela no tempo exactamente no momento que Deus quer; para uns pode ser na aurora da vida, para outros no zénite ou até no crespúsculo, não importa.

O que importa é o **sim** da criatura humana, dado a esse apelo de maneira consciente e permanente. É o **sim**, é o **fiat** dado à vontade de Deus, independentemente da vocação de cada um.

O princípio fundamental da teologia da santidade formula-se naquele voto do Pai Nosso: **que eu faça a vossa vontade.**

A Jacinta aparece-nos na história com uma criança normal, com os defeitos e as qualidades bastante comuns às crianças que nascem e crescem no seio de uma família profundamente cristã. Se falarmos de graça e santidade na sua vida anterior às Aparições, encontramos muito simplesmente o que poderíamos chamar uma graça e uma santidade comuns, que não justificariam os trabalhos de um processo de beatificação.

Porém, os acontecimentos de 1917 marcaram profundamente a alma da Jacinta, e a partir de então a graça e a santidade transbordam em torrente e constituem uma verdadeira inundação de sobrenatural.

É nesse momento que importa captar o dom de Deus para penetrar o conteúdo objectivo dessa graça extraordinária e da correspondente vocação à santi-

dade, e podermos cantar como o salmista **mirabilis Deus in Sanctis suis:** «Deus é admirável nos seus santos» (Ps. 67, 36).

Não será preciso fazer aqui a declaração mandada por Urbano VIII, a recordar que o juízo sobre a santidade de alguém compete exclusivamente à Igreja. Reconhecendo plenamente este direito podemos falar da santidade da Jacinta, convencidos de que estamos perante uma criança a quem Deus predestinou extraordinàriamente, e a quem confiou — para além daquilo que se chama a Mensagem da Fátima — uma mensagem pessoal, expressa na feição da sua própria espiritualidade.

É este o aspecto que eu desejaria focar.

• A ALUSÃO CLARA A DEUS OFENDIDO PELOS NOSSOS PECADOS

Na Mensagem de Fátima pareceu-me sempre essencial a alusão clara a Deus ofendido pelos nossos pecados e à necessidade de rezar e fazer penitência para evitar os castigos temporais e eternos merecidos por esses pecados.

Nestes elementos essenciais da mensagem vejo o maior sinal da sua autenticidade, muito para além dos milagres; porque estes elementos coincidem com os factos fundamentais da revelação divina na Sagrada Escritura, e com as grandes linhas da espiritualidade cristã.

O pecado mudou o rumo primitivo da obra da criação e determinou o plano da Redenção. O **Credo** diz que o filho unigénito de Deus desceu do Céu, por nós homens e para nossa salvação.

O mistério do pecado, por mais negativo que pareça, determinou o mistério da Encarnação de Cristo que «pelo sacrifício da cruz, nos resgatou do pecado original e de todos os pecados pessoais» (Paulo VI — **Credo do Povo de Deus**).

Cristo resgatou-nos pelo preço do seu sangue, e deixou-nos o sacramento do Baptismo e da Penitência para actualizar no tempo e no espaço, em cada um de nós, a obra da Redenção.

É em cada um de nós, e em cada momento da nossa vida, que Cristo vai tirando o pecado do mundo, mas só o tira na medida em que colaborarmos com Ele, completando em nós o que falta à Sua Paixão, fazendo penitência, mudando de vida.

Na Mensagem de Fátima o elemento que mais impressionou a Jacinta foi a visão das consequência do pecado, na ofensa a Deus e nos castigos dos condenados do Inferno.

Embora a visão do Inferno tenha ficado em segredo até mais tarde, alguma coisa transpareceu das declarações dos videntes, imediatamente depois das aparições. Com efeito, logo na terceira aparição a Senhora recomenda-lhes que rezem a jaculatória: **Ó meu Jesus perdoai-nos e livrai-nos do fogo do Inferno ...**, e na última diz-lhes, em forma suplicante: **não ofendam mais a Nosso Senhor que está muito ofendido.**

Estes dois pontos foram imediatamente comunicados pelas crianças a toda a gente que lhes perguntara o que a Senhora dissera.

Em 1941 a Lúcia contou os pormenores desta parte do segredo: «Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo ... mergulhados nesse fogo os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ... entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizavam e faziam estremecer de pavor».

Dos três pastorinhos foi a Jacinta quem pareceu mais impressionada com esta visão; e digo impressionada, não apenas de maneira sensível, como é natural, mas sobretudo impressionada na sua espiritualidade.

A partir dessa visão a Jacinta mostrou-se a mais preocupada com a sorte das pobres almas condenadas ao Inferno, procurando fazer todos os sacrifícios possíveis para evitar que outras almas caíssem no abismo da condenação.

• PROBLEMA DE FÉ NA ETERNIDADE

Estamos perante um grande problema de fé na eternidade, fé no pecado e nos seus castigos.

É certo que os fenómenos místicos deste género aparecem-nos revestidos da roupagem, própria de uma época, e sobretudo da psicologia dos seus protagonistas. Quero dizer que a visão do Inferno foi certamente adaptada à capacidade das crianças. Isto não significa de modo algum que tenhamos de fazer qualquer coisa como uma desmitização desse fenómeno, para o reduzir a não sei que proporções meramente naturais. Antes pelo contrário, é preciso ter presente que a doutrina dos castigos eternos está no Evangelho com um realismo supreendente. A expressão sensível das visões do Inferno em nada exagera essa realidade, pelo contrário, é sempre uma adaptação à limitada capacidade humana para entender o mistério.

O Santo Padre Paulo VI, no credo do povo de Deus, referindo-se à segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, apresenta-nos a perspectiva do amor e da misericórdia de Deus como determinantes da vida eterna, mas não pode deixar de acrescentar que os que recusam até ao fim o amor e a misericórdia «irão para o fogo que não se extinguirá jamais».

Há quem só fale do amor e misericórdia e não queira admitir o reverso. Não é Deus que recusa o seu amor e a sua misericórdia, são alguns homens que o recusam até ao fim.

Foi este mistério que Nossa Senhora mostrou aos pastorinhos de modo adaptado à capacidade do seu entendimento.

Delicadamente sensível, a Jacinta ficou cheia de pena dessas pobres almas caídas na perdição. Com frequência se sentava no chão ou em alguma pedra e, pensativa, começava a dizer: «O Inferno! O Inferno! Que pena eu tenho das almas que vão para o Inferno!» Não se demorava a pensar na culpa que essas almas tinham da sua situação, não pensava na recusa que deram até ao fim, aos apelos do amor e da misericórdia de Deus; lembrava-se do espectáculo que vira, um grande mar de fogo, e os gritos e gemidos de dor.

E a pobre criança a quem Nossa Senhora confortava com a promessa de em breve ir para o Céu, tinha pena, imensa pena dos condenados do Inferno.

Mas a Jacinta não se ficava numa pena estéril em relação aos que já estão condenados; preocupava-se extraordinàriamente daqueles que estão em

perigo de condenação, rezando e sacrificando-se por eles.

É a mais bela expressão de caridade cristã, é a participação dos justos na obra redentora de Cristo.

A Jacinta costumava retirar-se e permanecia por grandes espaços de tempo, de joelhos, a rezar por aqueles que se encontrassem em maior perigo de condenação. Chamava pela Lúcia e pelo Francisco e perguntava-lhes: «Vocês estão a rezar comigo?» e acrescentava: «É preciso rezar muito para livrar as almas do Inferno».

Ela teria querido dizer às pessoas o que é o Inferno, para as desviar de lá irem parar.

«Que pena eu tenho dos pecadores! Se eu pudesse mostrar-lhes o Inferno!» E dizia à Lúcia: «Eu vou para o Céu, mas tu que ficas cá, se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o Inferno, para que não façam mais pecados e não vão para lá».

• SILÊNCIO PROVIDENCIAL

Foi certamente providencial este silêncio sobre o Inferno, imposto às crianças pelo segredo. Quem teria acreditado nelas se começassem a falar dos horrores do Inferno? Cristo diz, na parábola do Rico Avarento, que nem a um ressuscitado que viesse do outro mundo falar do Inferno os homens prestariam atenção.

Nos planos do Senhor, esta parte da mensagem, que iria ficar 25 anos escondida, havia de ser acreditada pela penitência dos pastorinhos. Estes compreenderam admiràvelmente a sua missão, e entraram, com a maior generosidade, no caminho do sacrifício pela conversão dos pecadores.

Quando a Jacinta, por mortificação, não queria comer, a Lúcia dizia-lhe: «Jacinta, anda, agora come!» «Não, ofereço este sacrifício pelos pecadores que comem demais». Era o sacrifício de não comerem a merenda, dando-a aos pobres ou mesmo aos animais, era o sacrifício de beberem a água suja da lagoa, ou mesmo de não beberem água, durante todo o mês de Agosto, era o sacrifício de andarem apertados com uma corda, e tantas outras mortificações semelhantes.

«Quando já na doença, ia algum dia à missa, dizia-lhe (a Lúcia): Jacinta não venhas, tu não podes, hoje não é domingo!» «Não importa (respondia) vou por os pecadores que nem ao domingo vão».

Pelos pecadores a Jacinta aceitou a doença, os alimentos e medicamentos que então lhe repugnavam tanto, o sacrifício de se separar da família e dos companheiros e ir para os hospitais, e finalmente, o que mais a horrorizava, a ideia de morrer sòzinha, como de facto veio a morrer.

Tudo isto constitui uma riqueza extraordinária da mais pura espiritualidade cristã, que merece ser mais considerada e apregoada ao nosso tempo tão avesso à cruz do cristianismo. Parece que se compreende cada vez menos o valor da mortificação que expia também os pecados dos outros.

É por isso que a Mensagem de Fátima, e a mensagem pessoal de cada um dos videntes, me parecem cada vez mais actuais.

Não posso deixar de falar de uma característica peculiar da pequenina Jacinta: refiro-me à sua devoção ao Papa. Num ou noutro pormenor essa devoção pode parecer ingenuidade de criança, por exemplo quando ela perguntava porque é que o Santo Padre não vinha a Fátima, quando tantas outras pessoas ali iam. Uma ingenuidade, que afinal foi realizada a 13 de Maio de 1967.

Para estabelecer a ligação de Fátima com o Papa, antes dos gestos pessoais dos Papas com Fátima, não bastará lembrar a coincidência da Sagração Episcopal de Pio XII ter-se realizado no dia 13 de Maio de 1917. Temos de lembrar alguns factos bem mais misteriosos.

O primeiro é a referência directa de Nossa Senhora aos sofrimentos do Papa.

Depois da visão do Inferno e do anúncio do fim da Primeira Grande Guerra, a Aparição deu sinal dos castigos que estavam para vir, se não fizessem o que Ela pedia.

«Quando virdes uma noite iluminada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o Mundo dos seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre ... O Santo Padre terá muito que sofrer ...»

Esta foi a comunicação feita aos três pastorinhos durante a terceira Aparição.

• DUAS REVELAÇÕES A JACINTA

À Jacinta pessoalmente haviam de ser feitas, mais tarde, duas revelações particulares, que a Lúcia conta assim:

«Um dia ... a Jacinta chamava por mim.

— Não vistes o Santo Padre?

— Não.

— Não sei como foi, eu vi o Santo Padre em uma casa muito grande, de joelhos diante de uma mesa com as mão na cara a chorar; fora de casa estava muita gente, e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe palavras feias. Coitado do Santo Padre! Temos que pedir muito por ele».

«Em outra ocasião ... a Jacinta chamava por mim:

— Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome e não têm nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?»

A Lúcia comunicou-nos isto no seu escrito de 31 de Agosto de 1941. Naquela data estas palavras poderiam referir-se aos sofrimentos de Bento XV durante a Primeira Guerra Mundial, e aos de Pio XII durante a Segunda.

Mas infelizmente esses sofrimentos continuam, mais acentuados ainda em Paulo VI; são as guerras, é a fome, é a contestação de tantos cristãos, de tantos sacerdotes e até de alguns bispos. Um dos últimos desabafos do Papa foi aquela primeira frase da homilia da canonização de Santa Maria da Soledade Torres Acosta, no dia 25 de Janeiro passado, que diz assim: «Nesta hora de tribulação para a Igreja e de amargura para nós ...»

Literalmente só ainda não foram atiradas pedras à pessoa física do Papa; tudo o mais que a Jacinta viu, já aconteceu. E o futuro só Deus o sabe.

Conforta-nos ao menos uma palavra que a pequenina vidente de Fátima disse à Lúcia nessa mesma ocasião: «Eu no Céu hei-de pedir muito por ti, por o Santo Padre, por Portugal, para que a guerra não venha para cá, e por todos os sacerdotes».

Também esta última palavra, por todos os sacerdotes, mereceria uns momentos de atenção, mas penso que não será agora o ocasião mais indicada.

E como esta noite não é só minha, fico-me por aqui nas considerações que trazia para fazer convosco.

Não sei adivinhar a sorte que vai ter o processo de beatificação e canonização do Francisco e da Jacinta. Eu que estive, há dias, na Basílica de S. Pedro a assistir à última cerimónia de canonização de uma santa, perguntei a mim mesmo em que medida o nosso tempo terá ainda verdadeira sensibilidade cristã aos exemplos heróicos dos santos.

• PARA QUE A GUERRA NÃO VENHA PARA CÁ

A Igreja continua a apresentar-nos esses exemplos, convencida de que eles podem e devem constituir um estímulo para os homens e para as mulhres de todos os tempos.

Vivemos numa hora difícil, que não é apenas pelas convulsões sociais que agitam o Mundo, pelas guerras, pela fome. A grande tragédia é a perda de valores humanos, naturais e sobrenaturais.

Num dos seus lamentos, agora quase diários, Paulo VI disse há dias que os cristãos estão a perder o sentido do sagrado. Esta é que é a verdadeira tragédia do Mundo de hoje, bem mais grave que as guerras e que a fome; ou antes será talvez precisa mente esta perda da fé e do sentido do sagrado a verdadeira causa de ainda haver guerras e tanta fome.

Falta ainda revelar a terceira parte do segredo de Fátima. Diz-se que João XXIII a leu, e mandou que permanecesse em segredo.

Apetecia-me dizer que essa última parte do segredo já não é precisa. Nós sabemos bastante pelas duas primeiras.

Sabemos o que o Senhor quer, sabemos o que nos mandou dizer pela Sua Mãe. Sabemos que o pecado é a causa dos castigos temporais e eternos, sabemos que a oração, a penitência, a mudança de vida, são o caminho indispensável para a salvação das pessoas e do Mundo.

Teremos a humildade bastante para tender às palavras e aos exemplos que nos vêm por criancinhas tão pequenas como o Francisco e a Jacinta?

Este é o problema. E para terminar com uma palavra de optimismo, permito-me modificar o texto do Evangelho e dizer. Se nos fizermos pequeninos como esta criancinha, entraremos no Reino dos Céus.

• ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES EM LISBOA

A encerrar as comemorações, em Lisboa, do quinquagésimo aniversário do falecimento de Jacinta Marto, promovidas pela Postulação dos Videntes de Fátima, houve missa na igreja de Nossa Senhora de Fátima.

Foi celebrante o sr. bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, acolitado pelos dois coadjutores da paróquia.

Após a leitura do Evangelho, aquele prelado proferiu uma homilia alusiva à comemoração.

Durante a celebração da missa, a que assistiram numerosos fiéis, o grupo coral «S. Pio X» entoou alguns cânticos.

Aspecto da peregrinação de 13 de Fevereiro em que participaram os bispos de Coimbra, Leiria e seu auxiliar

NOTÍCIAS DE FÁTIMA

PEREGRINAÇÃO DE 13 DE FEVEREIRO

Alguns milhares de fiéis reuniram-se na Cova da Iria a fim de participarem nas cerimónias da peregrinação mensal de Fevereiro. Assistiram os bispos de Leiria, D. João Pereira Venâncio, de Coimbra, D. Francisco Rendeiro, e auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão.

Foi rezado o terço junto à Capelinha das Aparições e a seguir a imagem de Nossa Senhora que ali se venera foi conduzida para a Basílica onde se realizaram os principais actos da peregrinação. A missa dos doentes foi celebrada pelo padre José Pereira da Costa Tavares, professor do Seminário dos Missionários do Coração de Maria, de Fátima, acolitado pelo padre Manuel Lopes, vigário da vara de Ourém e pároco do Olival

Procissão do «Adeus»

e o superior do Seminário Pio XII, de Fátima.

À homilia, o celebrante, enquadrando o espírito da mensagem de Fátima no espírito penitencial da Quaresma, frisou que ambos conduzem à alegria da Páscoa que é renovação do homem em Cristo. Foi para isso, disse, que Nossa Senhora apareceu na Cova da Iria e transmitiu as suas palavras aos três pastorinhos. A concluir, indicou que a devoção ao Imaculado Coração de Maria, pedida por Nossa Senhora segundo a vontade de Deus, é feita deste espírito de penitência que é humildade e amor.

Convidou todos os peregrinos a viverem esta Quaresma segundo o espírito do apelo da Santíssima Virgem: penitência e oração.

No final da missa, durante a qual comungaram algumas centenas de pessoas, o bispo auxiliar de Leiria recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria, terminada a qual o bispo de Coimbra deu a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento.

Por sua vez o prelado da diocese dirigiu-se aos fiéis pedindo-lhe orações muito particulares pelo Santo Padre que vive horas de muita responsabilidade e angústia.

As cerimónias terminaram com a tradicional procissão do «Adeus» reconduzindo a Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao seu altar na Capelinha das Aparições.

Grupo de dirigentes da J. A. C. de Leiria que estiveram em retiro no Santuário, de 14 a 16 de Fevereiro

CAMINHADA HERÓICA DE JOVENS ESTUDANTES

Organizada pelo Secretariado das Vocações Missionárias da Congregação do Espírito Santo, em colaboração com as direcções dos estabelecimentos de ensino do Porto e núcleos liamistas de estudantes, realizou-se nos dias 14 e 15 de Fevereiro uma concentração de mais de mil estudantes dos centros universitários do Porto, Coimbra e Lisboa.

O fim da peregrinação foi a vivência, na Cova da Iria, de horas de reflexão e ambiente cristão para, sob o lema de mais alto e mais além, dar testemunho de fé cristã nos meios da juventude universitária e estudantil.

Do programa constou uma marcha luminosa pelo recinto e vigília pela paz, unidade, missões, juventude e vocações. Na manhã de domingo, todos os peregrinos universitários tomaram parte na celebração eucarística presidida por mons. Miguel de Sampaio, director do Colégio Almeida Garrett, do Porto. Muitos jovens fizeram a comunhão pascal.

Efectuou-se ainda uma via-sacra, em silêncio, desde a Cruz Alta até ao Calvário Húngaro, no monte de Aljustrel, durante a qual os jovens recordaram todos os seus companheiros pelos quais oraram.

A concentração foi organizada pelo padre José Lapa, animador vocacional da Congregação do Espírito Santo e teve a presença de alunos universitários do Porto, Coimbra e Lisboa e dos liceus D. Manuel II, Alexandre Herculano, Carolina Michaelis e Rainha Santa e dos Colégios Almeida Garrett, João de Deus, Luso-Francês, Boa Nova, Esperança, Rosário, Escravas do Sagrado Coração de Jesus, Escola Académica e Escola de Enfermagem de Santa Maria. Houve ainda representações de Braga, Esposende, Póvoa de Varzim, Ponte de Lima e do Colégio Andaluz, de Santarém.

MOVIMENTO RELIGIOSO EM FÁTIMA EM 1969

I

PARA UMA PASTORAL DAS PEREGRINAÇÕES

Ao terminar as manifestações marianas em Fátima, no ano findo de 1969, ficou-se com uma dupla convicção sobre a evolução da vida religiosa deste solar que a Mãe de Deus escolheu para seu trono de graças e de chamamento a uma melhor vida cristã.

Em primeiro lugar, no que respeita às peregrinações oficiais, pode dizer-se que as multidões começam a manifestar certa tendência para uma diminuição da sua presença, conscientes de que não é este o melhor ambiente para elevar as suas preces a Deus através de Nossa Senhora. Persiste, todavia, a afluência numerosa dos peregrinos que vêm de terras longínquas, a pé, em cumprimento de promessas ou atraídas por um espírito latente de romaria. Mas, mesmo neste sector, ainda muito numeroso, se está a verificar uma diminuição à medida que os fiéis vão tomando um pouco mais de consciência da verdadeira prática da vida cristã. E na verdade, é muito para desejar que esta formação da consciência se procurasse desenvolver sobretudo no ambiente paroquial, porque a grande maioria destes penitentes além de se exporem a graves perigos morais ao longo dos caminhos, ao chegarem ao Santuário pouca ou até nenhuma parte tomam nas cerimónias litúrgicas, passando os dias ao longo das alamedas laterais completamente alheadas de quanto se passa. Pode dizer-se que a sua presença no Santuário, apesar de muitos chegarem com 3 a 4 dias de antecedência, apenas se manifesta em três momentos: na entrada com os seus exóticos sacos à cabeça; no cumprimento das suas promessas, algumas delas ridículas e extravagantes; e por ocasião das procissões de Nossa Senhora.

Sente-se, por isso, a necessidade duma intensa e persistente **pastoral das peregrinações.** Mas, esta só poderá ser eficaz se for organizada no ambiente paroquial, começando por cristianizar as romarias, pois são estas que continuam ainda a exercer uma influência profunda na mentalidade duma grande parte dos grupos de peregrinos que vêm a Fátima, sem qualquer mentalização e orientação da parte dos seus párocos.

II

PEREGRINAÇÕES, RETIROS E CURSOS

Pode, todavia, dizer-se que no ano de 1969 se manifestou certa tendência para uma melhor compreensão das peregrinações a Fátima. Além das peregrinações oficiais ou prèviamente organizadas, notou-se uma frequência de peregrinos bastante elevada quer aos domingos quer durante a semana, muitos deles para, num ambiente de maior recolhimento, se apresentarem aos pés de Nossa Senhora a agradecerem os benefícios alcançados por Sua intercessão e a suplicarem novas graças.

É digna de nota ainda a afluência verdadeiramente grande de fiéis, nas peregrinações mensais, que conservaram bastante estável o ritmo dos últimos anos, distinguindo entre todas a de Maio a que presidiu S. E. o cardeal Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, do Brasil.

A peregrinação de Julho teve também um brilho invulgar com a presença de S. E. o cardeal Corrado Ursi, arcebispo de Nápoles, da Itália, acompanhado dos participantes no Seminário Internacional de estudos sobre a Mensagem de Fátima à luz do Concílio Vaticano II, realizado sob a sua presidência na Domus Pacis, durante seis dias.

Fátima foi ainda visitada por S. E. o cardeal Enrique Tarancón, arcebispo de Toledo, que veio celebrar missa na Capelinha das Aparições, por S. E. o Cardeal-Patriarca e 20 bispos, da Itália, Brasil, Vietenam do Sul, Espanha, Argentina, Peru, Colombia, Uruguai e México.

Foram numerosas as peregrinações organizadas por várias paróquias, organizações católicas e Ordens Religiosas de todo o país.

Pelo brilhantismo das cerimónias e grande afluência de peregrinos distinguiram-se:

- — a peregrinação da Congregação Salesiana que veio comemorar o 75.º aniversário da sua fundação em Portugal;
- — a da Arquiconfraria do Perpétuo Socorro organizada pelos padres Redentoristas;
- — a obra de Previdência e formação das criadas;
- — a concentração nacional das conferências femininas de S. Vicente de Paulo;
- — as peregrinações da Gente do Mar, organizada pelos Clubes Stella Maris, dos movimentos cordimarianos e a nacional do Rosário, e a peregrinação da diocese da Guarda que merece referência especial pelo espírito de penitência de que se reveste. Além destas, muitas outras se realizaram pelo ano fora.

Tiveram ainda particular brilho as comemorações do I Centenário da Fundação das Irmãs Dominicanas portuguesas; a do 25.º aniversário da Legião de Maria, e do 50.º aniversário da morte do vidente Francisco Marto e cuja conclusão será feita dentro do ano de 1970 conjuntamente com as celebrações do cinquentenário da morte de sua irmã Jacinta.

Entre as múltiplas celebrações recorda-se o encerramento do Congresso Internacional dos Engenheiros e Economistas Católicos; a Assembleia Plenária da Conferência Episcopal da Metrópole; as comemorações do 25.º aniversário dos Missionários da Consolata; a celebração de 4.º centenário da Bula de S. Pio V sobre o Rosário; a Assembleia Geral da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos; o encontro nacional dos responsáveis da Pastoral de migração; o curso de teologia orientado pelo Instituto de Sto. Tomás de Aquino; o curso nacional de orientação vocacional e de Pastoral da Juventude; a reunião anual dos capelães militares da metrópole.

Muitos outros encontros de formação católica e catequística se realizaram em diversas casas religiosas, que circundam o Santuário, merecendo espe-

cial referência o Seminário Internacional de Estudos da Mensagem de Fátima à luz do Concílio Vaticano II. Este encontro realizado na Domus Pacis marcou a sua posição de relevo quer pelo número dos seus participantes — prelados, sacerdotes, religiosos e leigos de diversos países — quer pelo estudo teológico, histórico e pastoral das múltiplas comunicações apresentadas. Teve também uma grande e intensa actividade o centro catequético estabelecido na Casa das Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus por onde passaram muitos grupos de catequistas do País.

Os retiros espirituais realizados nas duas Casas do Santuário e outros fora deste continuaram a ser a grande fonte de espiritualidade.

Aqui estiveram o episcopado da metrópole, os diplomados, os vários organismos da Acção Católica, associações piedosas, movimentos missionários, sacerdotes de três dioceses, servitas, casais, noivos e emigrantes.

PEREGRINAÇÕES ESTRANGEIRAS

A Fátima vieram em 1969 muitos milhares de peregrinos estrangeiros que tomaram parte nas cerimónias dos dias 13 e se incorporaram nas peregrinações pela roda do ano. Muitos viajaram das suas terras directamente para Fátima, fazendo-se acompanhar de assistente que cuidam das cerimónias em Fátima e gozam aqui do privilégio de tomarem parte em devoções na sua própria língua. Pena é que os peregrinos isolados procedentes de vários países que quase diàriamente se organizam em Lisboa, as agências não lhes proporcionem a assistência a actos de devoção em Fátima e procurem organizar a viagem ao Santuário de harmonia com os horários dos actos que aqui se realizam.

Com frequência são recebidas cartas de peregrinos estrangeiros a lamentar que a sua vinda ao Santuário lhes não tenha permitido satisfazer as suas devoções. Seria conveniente que os serviços oficiais de turismo proporcionassem a estes peregrinos um maior conhecimento do mistério de Fátima.

Durante o ano de 1969 passaram pela Cova da Iria peregrinos de 51 países; Alemanha, Chile, América do Norte; Argentina, Iraque, Itália, Espanha, Colombia, Austrália, Porto Rico, Brasil, Egipto, Escócia, França, Nigéria, Congo, Áustria, Filipinas, Terra Nova, Vaticano, México, Nova Zelândia, Bélgica, Polónia, Niué, Jugoslávia, Venezuela, Canadá, Japão, Quénia, Vietenão, África do Sul, Inglaterra, Nicarágua, Congo (Kinxasa) Holanda, Croácia, Trindade, Rodésia, Paquistão, Equador, Coreia do Sul, Biafra, Formosa, Checoslováquia, Irlanda, Malta e Peru.

PEREGRINOS DOENTES

Em Fátima existe sempre um lugar especial para os doentes. De todos os pontos do País que aqui afluem, nos dias 13 e fora das peregrinações mensais, para rezar pela sua cura e para a resignação da sua dor.

Além dos doentes que, em número de mais de um milhar, estiveram presentes nas cerimónias das peregrinações mensais, muitos outros tomaram parte na peregrinação nacional de doentes que foi precedida de retiro. Registou-se ainda a comovente peregrinação dos soldados doentes que, desde há anos, se vem realizando.

Estiveram presentes grupos de doentes da Itália que a UNITALIS trouxe pela primeira vez, em cadeia de 7 aviões e que vai ser repetida em 1970 em maior número. Vieram também doentes espanhóis de Zamora.

FÁTIMA CENTRO DE VIDA ESPIRITUAL

A vida de Fátima pode sintetizar-se em duas facetas — piedade e estudo. A primeira compreende as grandes cerimónias religiosas com as solenes concelebrações, paraliturgias e encontro de tantos milhares de peregrinos com Cristo através da Confissão e da Comunhão.

Ao lado destas manifestações da assembleia cristã em oração, têm lugar muito próprio as promessas do povo simples, que muitas vezes não sabe rezar doutra forma, feitas tantas vezes em momentos desconcertantes de aplicação.

Na segunda face da vida de Fátima estão os congressos, cursos de formação e reuniões de estudo que têm concorrido para a formação da vida cristã de grande parte das dioceses do País.

Tem o seu lugar ainda neste relatório uma palavra estatística expressa em números: durante o ano de 1969, celebraram-se na Basílica 6685 missas, além de 32 grandes concelebrações. Na Capela das Aparições 3552 sacerdotes, provenientes de todas as partes do mundo, celebraram a santa missa. Uma nota particular ficou escrita no livro do registo de missas da Capelinha: «P. Osvaldo Gremer, S. V. D. a quem Nossa Senhora de Fátima salvou, milagrosamente, a vida em 22 de Agosto de 1944 na fuga da Rússia Soviética».

Ainda a linguagem dos números diz que os serviços do Santuário ligados à vida litúrgica prepararam neste ano de 1969, 40 880 hóstias para a santa missa e 1 295 000 partículas para a comunhão.

Fátima continua a ser o centro de atracção espiritual para a recepção da primeira graça nos 117 baptismos aqui administrados ou para a união matrimonial nos 531 casamentos celebrados no Santuário e 400 na igreja paroquial por falta de lugar no Santuário que a Mãe de Deus escolheu para dispensar as graças do Senhor.

O local das aparições foi ainda escolhido para ordenação sacerdotal de 5 missionários das congregações do Verbo Divino e dos Monfortinos.

NOTA FINAL

Neste sumário relatório da grande obra espiritual que Fátima tem que continuar a fomentar, nestes tempos de purificação e fortalecimento da fé orientada pela voz forte e esclarecedora do vigário de Cristo, ocupam um lugar muito particular todos aqueles grupos que por aqui passaram, durante o ano, com este mesmo espírito de adesão firme e inabalável à Igreja, certos que só nela encontrarão o porto de salvação.

Como nota de edificação seja-nos lícito registar, no princípio deste ano de 1970, o bom exemplo que nos deixaram os dois grupos de seminaristas dos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º anos de Santarém, na realização dos seus exercícios espirituais vividos com aquela alma recolhida em si mesma, para melhor descobrir a Deus e o Seu chamamento. São exemplos que edificam nestes tempos de desorientação.

FÁTIMA: NÓTULAS DE GEOGRAFIA HUMANA

Por FREDERICO PEIRONE

1 — INDÚSTRIA, COMÉRCIO, CIRCULAÇÃO

As únicas pequenas indústrias dignas desse nome existentes na freguesia de Fátima (não tendo em linhas de conta a indústria hoteleira que teve o seu desenvolvimento na Cova da Iria, condicionada às aparições) são as de «moleiro», que em geral trabalha sòzinho e de «sapateiro», que trabalha com empregados (de dois a sete). A pequena indústria local — muito difundida no vizinho Concelho de Alcanena, em que quase todos os íncolas têm uma rudimentar fábrica de curtir o couro — é limitada a poucos «teares» e ao fabrico de «queijo» de gado ovino e de vaca, vendido a comerciantes de passagem.

As feiras e mercados da freguesia ordenam-se segundo este calendário:

nos Boleiros, dia 15 do mês;

na Eira da Pedra, dia 15 do mês;

na sede da freguesia, Fátima, no primeiro Domingo de Junho. É chamada «feira de S. Silvestre», por se celebrar nesse dia a festa do Santo. Desde tempos recuados, durante a feira, em que se vende o gado, pano e ouro («que um ourives de Cantanhede vem vender aqui») realiza-se a cerimónia da «bênção do gado.»

Os produtos agrícolas da terra circulam na freguesia, ou nos mercados de Vila Nova de Ourém. Na Cova da Iria há um mercado dominical que já teve diferentes sedes mas, agora, foi fixado, definitivamente, com bancos de pedra e com um moderno chafariz, no lugar da Lomba d'Égua, logo à entrada da Cova da Iria do lado de Vila Nova de Ourém.

A terra é bem servida de:

estradas,

caminhos velhos de carros,

estradas camarárias,

veredas (ou carreiras para as fazendas)

atalhos.

Estão divididos dos campos por meio de paredes feitas de pedra solta. Poucos são os «caminhos de serventia». Os caminhos ligam povoações diferentes, embora atravessando campos de cultura.

Os transportes são quase todos à cabeça de mulheres, ou com animais de carga, bois e burros. Quase não existe o cavalo.

O tipo de carro de tracção animal não difere do tipo geral da Extremadura:

é de forma rectangular e alongada,

tem duas rodas (raro é o carro com quatro rodas),

tem eixo de ferro, fixo: ainda se encontram, mas já não em serviço, carros com eixo móvel, de madeira.

Existe também a clássica «charreta». Não há «galeras» nem «breques» que abundam no território de Torres Novas. O carro serve em geral para transporte de estrume, para ir à fazenda, para ir vender cereais nos mercados, ou para levar pessoas às festas, à missa ou à romaria. Nestas ocasiões levam os típicos enfeites serranos, de giestas e flores, muito simples.

As pessoas deslocam-se em geral a pé, ou de bicicleta (desde uns anos para cá), ou de carro puxado por animais. Hoje há já bastantes automóveis e bicicletas motorizadas: um pormenor interessante: os automóveis levam, muitos deles, targa francesa de Paris, fàcilmente reconhecível pelo último número da matrícula, 75. São os filhos da terra que emigraram para França (Champigny sobretudo) e que, ao regressar a Portugal, amam apresentar o aspecto concreto da sua riqueza, o carro de marca e de targa francesa.

Na freguesia há várias carreiras de caminhetas originadas pelo movimento do Santuário de Fátima: Abrantes — Fátima — Leiria; Leiria — Fátima — Torres Novas; Nazaré — Fátima — Abrantes; Fátima — Central — Fátima — Estação. Além dessas carreiras regulares, há muitos desdobramentos nos dias de peregrinação ao santuário e nos dias de mercado (quinta-feira, para Ourém, com o seguinte percurso pitoresco: Fátima — Montelo — Boleiros — Macieira — Moitas — Vale do Porto — Ourém).

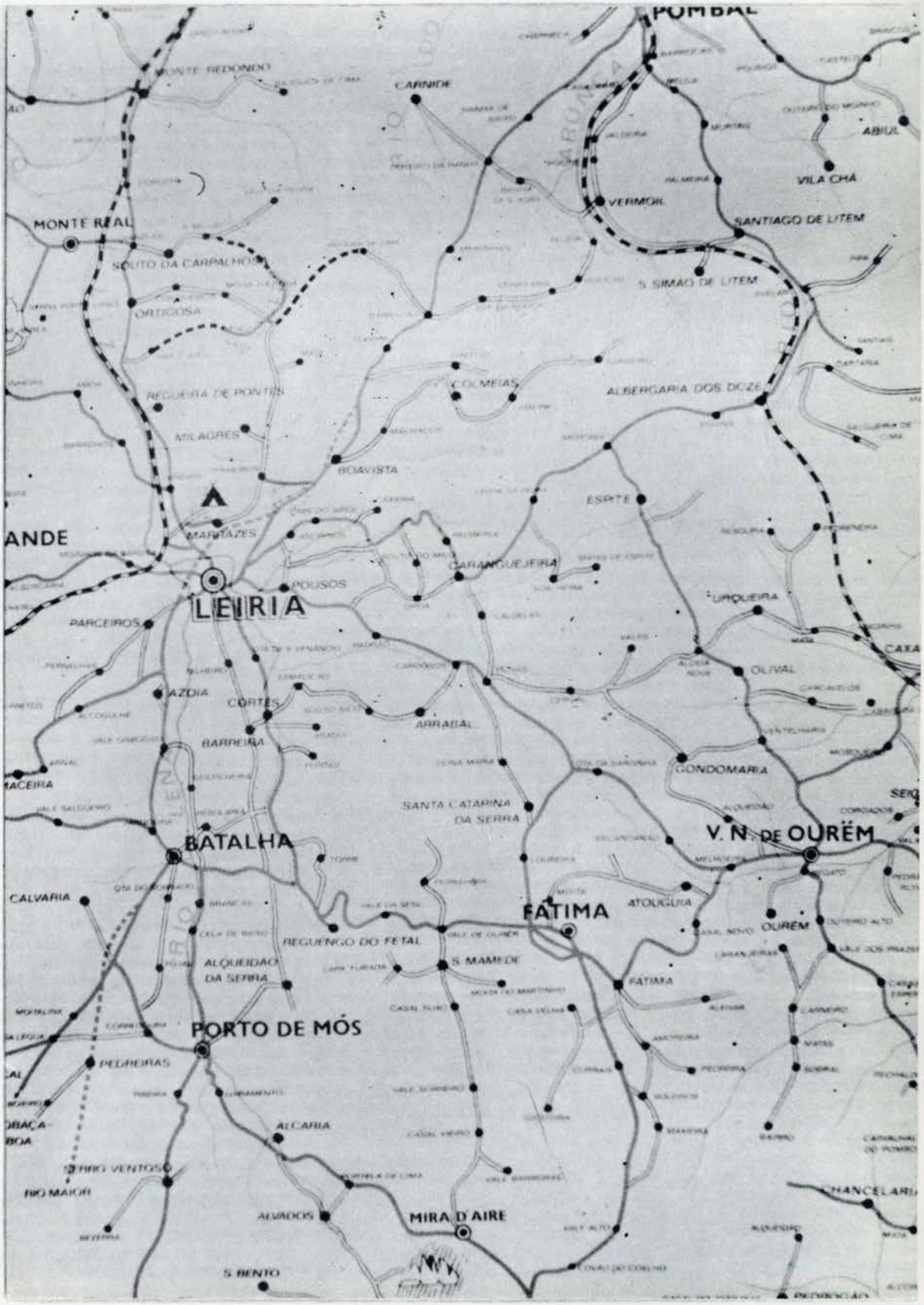
A estação de caminho-de-ferro mais próxima é a chamada Fátima-Estação (antiga Chão de Maçãs) na linha do Norte. A estação de Leiria é pouco desfrutada pelos passageiros que se dirigem a Fátima, quer por estar situada mais longe quer por estar servida pela incómoda «Linha do Oeste».

A vila com que a freguesia tem mais relações é Vila Nova de Ourém, sede do Concelho. E a cidade é Leiria, sede do governo civil, da Região militar e da Diocese.

23 Servímo-nos, para estes apontamentos sobre a circulação «activa» (meios de transporte) e «passiva» (estradas) das linhas essenciais expostas em Robert Capot-Rey, **Géografie de la circulation sur lese Continents**, Paris, 1964, e das enunciadas por Marcel Blanchard, **Géographie des Chemis de fer**, Paris 1969.

24 Cfr., a esse propósito, as sensatas observações de A. G. Haudricourt e de M Jean-Bruhnes Delamarre em **L'Homme et la charrue à travers du monde**, Paris, 1968.

25 Até ao ano de 1951, que marca uma nova era na história do Santuário de Fátima, pois foi nessa altura que se começou a realizar o plano de urbanização da Cova da Iria, a partida da camioneta para Torres


POMBAL
MONTE REDONDO
CARNIDE
ABIUL
VILA CHÃ
VERMOIL
SANTIAGO DE LITEM
MONTE REAL
SOUTO DA CARPALHOSA
S. SIMÃO DE LITEM
ORTIGOSA
REGUEIRA DE PONTES
COLMEIAS
ALBERGARIA DOS DOZE
MILAGRES
BOAVISTA
ESPITE
MARTAZES
CARANGUEJEIRA
LEIRIA
POUSOS
URQUEIRA
PARCEIROS
OLIVAL
AZOIA
CORTES
ARRABAL
BARREIRA
GONDOMARIA
SANTA CATARINA DA SERRA
V. N. DE OURÉM
BATALHA
CALVARIA
ATOUGUIA
FÁTIMA
OURÉM
REGUENGO DO FETAL
S. MAMEDE
ALQUEIDÃO DA SERRA
PORTO DE MÓS
PEDREIRAS
ALCAIRIA
MIRA D'AIRE
ALVADOS
S. BENTO

Novas, com ligação para Lisboa, às 9,30 horas da manhã, e a chegada de carreira da mesma cidade, às 17,30 horas, constituía pouco mais que um acontecimento de importância humana local, pois o movimento das carreiras era muito menos intenso do actual. Em dias de mercado, às quintas-feiras, havia uma carreira que saía às 13 horas da tarde, e pertencia à Firma João Deus, de Ourém. Foi em seguida absorvida pela Firma Claras e Irmãos. Durante bastantes anos ainda, sempre antes de 1951, o correio chegava de Ourém em charrete puxada por um burro, por volta das 11,30 horas da manhã, e regressava a Ourém, com o correio da Cova da Iria, por volta das 14 horas. Muito típico, mas pouco prático.

27 A estação que conhecemos pela primeira vez em 12 de Outubro de 1946 era velhota e feia e mui pouco asseada. Foi transformada completamente depois de 1951, sendo então enriquecida com azulejos apropriados. A diferença de outras estações intermédias, teve o privilégio da paragem de todos os comboios, também dos rápidos e do Sud-Expresso. Fruto, este também, das aparições da Virgem. Já não admira ninguém ouvir pedir ao chefe da gare «um bilhete para Hendaye, ou Paris»: o movimento de emigrantes para a França vindos da região da Serra é muito grande.

Outra estação que serve, de certo modo, Fátima é a da Ceisa (Vila Nova de Ourém). Mas é pouco cómoda.

Também a antiga Chão-de-Maçãs, hoje Fátima-Estação, recebeu vantagens económicas condicionadas ao fenómeno religioso das aparições: nasceu uma pequena indústria de transportes, quer particulares quer colectivas (taxis), as ruas do pequeno núcleo («aldeia lagarta», pois estende-se tudo sobre a estrada nacional Tomar-Leiria) embelezaram-se, as poucas casas de habitação multiplicaram-se, e as modestas pensões e as próprias «tabernas» tomaram um aspecto mais fino.

O que faz ainda falta, na estação, é um pequeno grupo de «intérpretes oficiais», um por cada uma das principais línguas europeias, ou um ou dois que soubessem bem essas línguas.

Quanto ao problema de se construir uma estação do caminho-de-ferro em Fátima ou imediatos arredores, unindo assim a linha do Norte com a do Oeste, é um problema que foi já debatido, mas para o qual não se encontrou ainda nenhuma solução prática. Afigura-se-nos a zona do Santuário, como aconteceu em Lourdes ainda não há muitos anos: o planalto não deveria apresentar soluções impossíveis para isso. Aliás, já várias vezes helicópteros das Forças Armadas norte-americanas vieram pouzar na grande praça da Capela das Aparições.

8 — HABITAÇÃO

Os materiais mais empregados na construção das casas são a «pedra» (calcária) em enorme quantidade, e o «tijolo» que vem do Porto de Mós e da vizinha localidade do Pinhel (Ourém).

A casa da região de Fátima tem «forma quadrada», medindo, de lado, 30-40 palmos (cada palmo: 33 cm) e de altura 13-14 palmos. A maior parte das casas são «térreas», mas há também, de uns anos para cá (uns vinte anos, talvez), casas com primeiro andar. Têm escada exterior. Poucas têm alpendre, mas quase todas possuem uma varanda descoberta no primeiro andar. Têm dois portais e quatro-cinco janelas, de 1 x 1 m.

As aberturas encontram-se só nas fachadas. O telhado é pouco inclinado, de maneira geral, e a maior parte dos telhados é de duas águas. As telhas são de barro, seguras com cal. Todas as casas têm chaminé. As casas são caiadas, regra geral, e poucas pintadas. As molduras das portas e das janelas são pintadas, por economia, conservando-se mais tempo do que as não pintadas.

As paredes são rebocadas com cal. Náo há trepadeiras nas paredes, nem sequer é costume plantar árvores junto das casas.

As divisões interiores da casa, obtidas por meio de tijolo, são as seguintes:
sala de estar, que serve também de sala de jantar;
dois quartos;
dispensa;
cozinha com lareira.

Gados e utensílios da lavoura estão no «palheiro» próximo da acomodação.

O pavimento é térreo, e o soalho em madeira.

Na cozinha encontramos a lareira alta com chaminé também bastante alta. Sobre a lareira pode-se ver muitas vezes um tramo em canas, para secagem de carnes e de enchidos.

Os anexos da casa estão em geral separados da mesma, ou nas imediações da casa, ou um pouco afastados. Não se conservam formas primitivas de casas para habitação ou para recolha de gados.

A casa isolada — ou grupo de casas, que é mais frequente — orientam-se sempre em frente da estrada mais próxima, de molde a ter a saída imediatamente para a mesma estrada, ou, pelo menos, não muito longe dela.

O tipo da casa popular tem-se modificado bastante nos últimos anos, por razões de comodidade e de higiene. Já não usa o alpendre à frente, como antigamente por causa das águas que escorriam por baixo, tornando-se assim ornamentação perigosa para toda a gente.

As casas são muito asseadas e esfregadas contìnuamente com água e sabão pela dona, ou pela criadita, quando houver. São forradas de madeira por baixo da telha, o que impede o muito calor e o frio cortante.

27 A. de Amorim Girão no seu já citado «Geografia Humana» dedica um extenso capítulo, que se lê com muito agrado, à «Geografia das necessidades materiais», e sobretudo, à «Ocupação improdutiva do solo»: casa de habitação e centros povoados, materiais e formas de habitação, tipos de povoamento rural, etc. (Cp. IX). Tivemos presentes, para estas notas, não só os trabambos de Amorim Girão e de Luís Schwalbach, nosso saudoso Mestre de Geografia Humana na Universidade de Lisboa, mas também os trabalhos de Mendes Correia, de Luís Chaves, e as oportunas sínteses da Enciclopédia Luso-Brasileira («Casa» «Casa portuguesa», etc.).

Na Cova da Iria bastantes prédios se têm afastado daquela que poderíamos apelidar de «arquitectura do estilo português». É pena. Seria bom, para construções futuras, ter em linhas de conta o «espírito» do **habitat** artístico local e tradicional, muito embora se recorra àquelas modificações estruturais que o correr dos tempos impõem.

9 — POVOAMENTO

A povoação da freguesia vive em várias povoações, que agrupam mais ou menos núcleos habitacionais que variam de 7-8 a 15-20. O povo dá o nome comum de «lugar» a uma povoação inferior à vila mas que seja sede de freguesia. São conhecidas, contudo, palavras como:

«Casal» (de Santa Maria, Casal Farto);

«Quinta» (do Poço do Soudo: é um lugarejo com duas ou três casas, que antigamente formavam uma quinta).

As casas isoladas, ou pequenos grupos de casas, são frequentes e tendem a aumentar constantemente com o aumento demográfico.

Não há forno comum. Cada qual tem o seu forno. E quem o não tiver, pede-o emprestado, mas não é hábito muito corrente, pois lá diz um ditado local: «Forno, burra e alforges são segredos de cada».

Existem eiras em parceria. O moleiro vai a casa de cada um buscar trigo e levar a farinha. Existem também lagares em sociedade.

Povoações temporárias, só na Cova da Iria durante os três-quatro dias do mês em que dura a peregrinação.

Há notícia de uma única povoação antiga, Carapeto: os jovens foram para fora da terra, os velhos morreram, «e já lá não há telha».

As povoações distribuem-se junto de:

encostas;

cabeços;

ribeiros.

Estão todos orientados para o Nascente.

As povoações são pobres, mas em geral bem cuidadas.

Não há memória de povoamentos pré-históricos em Fátima. No ano de 1951 encontrámos, por mero acaso, no caminho que da Lomba d'Égua leva à Moita Redonda, um **coup-de-poing** de sílex, muito bem conservado. Tendo-o levado ao Prof. Dr. Bandeira Ferreira, da Universidade de Lisboa, foi-nos informado tratar-se dum **coup-de-poing** pertencente à cultura «neo-eneolítica lusitana», já em avançada época do Quaternário. A hipótese foi-nos confirmada pelo Mestre Aristides de Amorim Girão, que, por sua vez, emitiu estoutra hipótese: tratar-se com toda a probabilidade de um resto isolado de alguma povoação «de passagem» pelo planalto de Fátima em regímen de «transumância», e que tivesse encontrado abrigo em algum dos «algares» calcários dos arredores.

Nem sequer há menção de restos de povoamentos romanos.

Mencionam os peritos alguns topónimos de terras que se encontram a caminho de Leiria, com nome derivante de um toponimo romano: Marvila, de «Mirabilia», Bico Sacho, de Vicu(m) Sacru(m). Efectivamente foram encontrados cacos e tijolos partidos que parecem romanos, e, nas excavações da Batalha, foram encontradas não poucas moedas de prata e de cobre das épocas de Augusto, Tibério e Adriano. Mas a Batalha pertence já a outra zona geogràficamente diferenciada.

O topónimo «Fátima» revela-nos nítida influência da toponímia árabe, ou pelo menos, berbere arabizada. Em redor desse topónimo foram tecidas muitas lendas, que são estudadas em outra parte do presente trabalho por pessoas competentes. Quanto a nós, depois de ter esclarecido o sentido do topónimo, parece-nos se possa fazer uma única afirmação: núcleos de árabes, ou de berberes islamizados, pertencentes provàvelmente à seita separatista do Islão, a Chi'ia (que tem uma veneração peculiar para com Fátima, a filha do Profeta Muhammad, o fundador do Islão), teriam deixado esse nome a algum acidente orográfico ou hidrográfico existente na região. O facto é comprovado pela actual toponímia do mundo islâmico: o topónimo Fátima encontra-se meia dúzia de vezes, aqui e além, sobretudo nas regiões do Islão Chi'ita (Irão, Iraque, Oceano Indiano, etc.), mas sempre indicando poços, pequenos cursos de água, pequenos oásis, Não há uma única aldeia, excepto a Fátima em Portugal, que leve o nome da filha de Maomé.

Outra hipótese: esses muçulmanos teriam dedicado algo de sagrado (um nicho, um padrão, uma pedra qualquer) à memória de Fátima. O topónimo ficou até hoje, embora, antes de 1917, absolutamente desconhecido ao resto do mundo.

Quanto ao sentido etimológico da palavra, em harmonia com as afirmações de Massignon, Craig e de outros filólogos orientalistas, Fátima é uma derivação do verbo trilítero «ftm» («fatama», com segunda vogal em i, ou do equivalente «fataman», que significa **sevrer un enfant ou un petit animal** (Belot,) ou seja, «desmamadar». Do verbo ter-se-ia formado o «masdar», ou «nome de acção», «fatîmu» para o masculino, e «fatîmatun» para o feminino, significando portanto «a desmanda». A pronúncia árabe correcta seria pois: **fatímatun**, e não fátimatun; portanto deveria pronunciar-se **fatíma.**

28 Cfr., para um estudo mais completo sobre este assunto, os elementos que nos forneceram:
Gaston Bardet, **L'urbanisme**, Paris 1965;
René Maunier, **Essai sur les groupements sociaux**, Paris, 1929;
Camille Rosier, **L'urbanisme ou science des agglomerations**, Paris 1952.

29 Para uma análise sumária da época pré-histórica de Fátima, sobre a qual há pouco a dizer (pelo menos até hoje), muito nos valeu o inteligente tratado de L. René Nouguier, **Géographie Humaine pré-histórique**, Paris, 1959. No texto evidencia-se uma importante constatação de G. H.: os núcleos que já eram habitados durante aquelas épocas remotíssimas, continuam sendo habitados, naturalmente tendo aumentado o nível demográfico. Ou seja: já nas épocas do Paleolítico superior o Homem tinha o mesmo desenvolvimento de inteligência que tem agora no que respeita a escolha da sua habitação. Teria sido Fátima já habitada nesses recuados tempos?

30 A região em que se encontram os restos romanos já pertence à área da discutida **Collippo**, portanto numa área fortemente romanizada. Um interessante museu de restos romanos e posteriores, em que há também uma colecção de fósseis da região, encontra-se em casa do Rev. Prior da freguesia do Reguengo do Fetal, digníssimo sacerdote e mente de estudioso. Mas nenhum desses objectos por nós visitados foi colhido na região pròpriamente fatimita.

31 Além dos outros Autores que apresentaram a «lenda de Fátima», cfr., o exaustivo estudo de Ferreira da Silva, «Fátima entre a lenda e a história», em «Fátima Missionária» (III), Julho-Agosto 1957, Fátima, pp. 1-31. Ferreira da Silva fez chegar a heroína Al-Fatima da Serra da Estrela até à Serra d'Aire.

32 No que respeita às relações, não só onomásticas, mas com uma orientação religiosa, entre Fátima, a filha de Maomé, e as aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, cfr., os seguintes ensaios:

Henry Lammens S. J., **Fatima et les filles de Mahomet,** Roma 1912.

Massignon Louis, **La Mubhala de Médine et l'hyperdulie de Fatima,** Paris 1955;

Massignon Louis, **L'oratoire de Marie à Aqsa, vu sous le voile de Fatima,** Paris 1956;

Peirone Frederico José, **A personalidade de Fátima, a filha de Maomé o profeta de Alá,** em «Fátima Missionária» (II) n.º 12, pp. 28-32

Peirone Frederico José, **Subsídios para uma panorâmica geral da pessoa de Fátima no Islão,** em «Letras e Artes», suplemento literário do jornal «Novidades», Lisboa:

1, 4 fevereiro 1963;
2, 18 Fevereiro, 1963;
3, 10 Junho, 1963;
4, 5 Agosto, 1963.

Peirone Frederico Jose, **Fatima, spunti di filologia e di storia,** em **L'Osservatore romano,** «Città del Vaticano» (CIV), n.º 294, 19 Diciembre, 1964.

Peirone Frederico José, **No cinquentenário das aparições de Fátima: Fátima, a filha de Maomé, apontamentos para uma biografia,** em «Letras» e «Artes», suplemento literário do jornal «Novidades», Lisboa, (XXV) n.º 33, 15 Setembro, 1966.

Peirone Frederico José, **A veneração de Fátima no Islão chiita do Irão,** em «Letras e Artes» (XXV), n.º 34, 19 Setembro, 1966.

Peirone Frederico José, **A figura de Fátima nos «hadithes» atribuídos a Maomé,** em «Letras e Artes» (XXV), n.º 35, 26 Setembro, 1966.

Peirone Frederico José, **A vida de Fátima Zhora na Primavera do Islão,** em «Letras e Artes» (XXV), n.º 36, 3 Outubro, 1966.

Sayed I. H., **Hazrat Fatima, the Pride and inspiration of Womanhood,** Durban 1962.

33 Belot, **Dictionnaire-français et français-arabe,** Imprimerie St.-Joseph, Beyrouth, numerosas edições a partir de 1920.

34 Para uma explicação da onomástica árabe, cfr. Gabrieli Giuseppe, **Il nome próprio arabo-muçulmano,** Roma 1915.

Em árabe, fatima que era um simples nome de acção («masda») tornou-se depressa um «sobrenome substantivo» (**kunyah**) que seviu de nome próprio (ismu' alam) à filha de Maomé. Ignoramos dela o verdadeiro nome próprio.

FÁTIMA, APONTAMENTOS PARA UMA «TEORIA DA PEREGRINAÇÃO».

As páginas que precedem quiseram dar, embora em linguagem árida (linguagem que tentámos conservar com a fidelidade com que nos fora transmitida durante os «inquéritos» de Geografia regional feitos **in loco**) uma panorâmica do **habitat** geográfico da região que servisse como pano de fundo ao ambiente das aparições. Com efeito, muitos dos elementos estudados eram já válidos em 1917. Alguns deles se conservaram até hoje, e através dos mesmos podemos reconstruir fielmente o ambiente em que se actuou o mistério; outros mudaram quase por completo; uma ou outra povoação ficou tal e qual já se encontrava naqueles tempos; mas o pequeno núcleo da Cova da Iria mudou por completo, constituindo, assim, um interessantíssimo caso de «Geografia Humana Religiosa».

Outros colaboradores tratarão com grande competência também assuntos relacionados com a Geografia Humana. Compete-nos tão-sòmente, a remate de quanto foi dito nas páginas anteriores, apontar nas suas grandes linhas essenciais as incidências de Geografia Humana Religiosa condicionadas às aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria.

O conceito de peregrinação (= «viagem feita por devoção a um lugar sagrado»), essencialmente dinâmico durante o flutuar dos séculos, amplificou-se até se poder aplicar, na linguagem cotidiana como na manifestação de vida religiosa, a uma «deslocação efectuada com uma intenção ou com uma efusão particular». O caso de Fátima entra nìtidamente no quadro da definição: até 1917 nem sequer o turista mais apaixonado se teria deslocado até às asperidades do planalto fatimita; desde então, centenas de milhares dedeslocações — de massa, ou de particulares — se têm efectuado por devoção.

Devoção e lugar sagrado supõem algum fenómeno transcendente: ou um acontecimento que assinala algo de extraordinário na história religiosa da localidade, ou pelas esperanças escatológicas que esse lugar oferece ao crente. O fenómeno não é próprio só do cristianismo: Judeus, Árabes, Hindus criaram em redor das suas cidades santas centros de peregrinação, que sofreram mudanças de relevo do ponto de vista de Geografia Humana. Bastará apontar os topónimos de Jerusalém, de Meca e de Benares. Nelas os fiéis encontram satisfação às necessidades espirituais e contentamento duma esperança escatológica. Fátima encontra-se, mais uma vez, dentro do quadro geral da definição. O movimento das massas que se deslocam à Cova da Iria está juntamente subordenado à vontade de venerar o lugar santificado pela presença da Virgem, que falou em termos de escatologia, separando nìtidamente o mundo temporal do mundo espiritual.

Sem entrar em pormenores debatidos alhures, poderemos afirmar com Amorim Girão, e seus colaboradores («Fátima terra de milagre», Coimbra 1959), que o efeito mais imponente do fenómeno da peregrinação sob o ponto de vista da Geografia Humana foi o aparecimento de novos núcleos populacionais onde outrora nada existia.

Se as peregrinações nascem por vezes em centros urbanos já constituídos (Jerusalém, Roma, Meca), na maior parte das vezes são elas a «causa determinante» do aparecimento dum novo núcleo que, religioso e comercial no começo (são as duas linhas-mestras do aparecimento dum novo núcleo, em lugar de peregrinação), transformar-se-á em seguida num núcleo urbano. O recenseamento de 1911 nem sequer mencionava a Cova da Iria; hoje a Cova da Iria começa a ter um desenvolvimento geográfico-humano que não se pode não definir «urbano».

Quatro estradas que saem das duas Rotundas (Rotunda Ocidental, ou da Senhora da Encarnação, e Rotunda Oriental, ou de Santa Teresa de Ourém) apresentam condições ideais para um futuro desenvolvimento urbano de cidade «radio concêntrica», sendo o factor principal de Soncentração o Santuário e a Capela das Aparições.

E já dentro do núcleo da Cova da Iria pròpriamente dito, há a assinalar que o fenómeno da peregrinação tem determinado um arruamento bem preciso, com topónimia decididamente orientada ao «factor religioso» (fenómeno não novo: veja-se, pela parte católica, a cidade de Lurdes, com a sua toponímia nìtidamente mariana, e, pela parte das religiões não cristãs, uma qualquer cidade «santa» muçulmana, hindu, ou

budista; lembraremos apenas a nomenclatura das ruas e ruelas de Cairuão, na Tunisia, quase só religiosa):
Rotunda de Santa Teresa de Ourém;
Avenida Dom José, Bispo de Leiria;
Rua Santa Joana Princesa;
Rua Francisco Marto;
Rua de Santa Ana;
Rua de Santa Isabel;
Rua de Santo António;
Avenida do Beato Nuno;
Praceta de São José (uma das mais velhas, aos efeitos da hagiotoponímica);
Rua do Anjo de Portugal;
Rua de São Pedro;
Rua de Jacinta Marto;
etc.

Outra projecção geográfica importante, secundária embora, foi a modificação do nome da estação do caminho-de-ferro da linha do Norte, pela qual havia o maior acesso a Fátima. O nome de Chão de Maçãs (que nem sequer é o topónimo do povoado que se apinha em redor da estação, pois como toda a gente pode notar em suas viagens à estação de Fátima, esse lugarejo chama-se Vale dos Ovos, sendo Chão de Maçãs afastado do primeiro uns três quilómetros) que os estrangeiros e muitas vezes aos próprios portugueses nada dizia (quantas vezes ouvimos pronunciar o topónimo com a seguinte bárbara expressão: **káo de mákasc**!!!), foi modificado em «Fátima-Estação», criando-se assim o binómio geográfico, agora evidente para todos, de Fátima-Estação e Fátima-Central».

Uma derradeira projecção geográfica das aparições foi o embelezamento e o enriquecimento económico de Vila Nova de Ourém, sede do Concelho a que pertence Fátima, e até há poucos anos, passagem obrigatória aos peregrinos que viessem do Ribatejo, do Alentejo e de algumas localidades da Beira Alta. A estrada nacional que cortava a Vila pelo meio, num corte irregular, entre o casario baixo e escuro, apresentando um contínuo perigo por causa da viação automóvel que aumentara em proporções geométricas a partir de 1945 — passou a transitar fora da Vila, mais ao sul, sendo amplificada e construída em linha recta, o que permite segurança e velocidade maiores nos dois sentidos. Essa estrada criou logo uma «avenida», que foi desde logo a mais linda da Vila. Poderíamos até afirmar que Vila Nova de Ourém não possuía uma avenida digna desse nome, e que foi Fátima quem lha deu! Nas margens da avenida levantaram-se prédios modernos e funcionais, bons restaurantes e casas de habitação modernissimas, determinando assim, **in nuce**, uma outra divisão de Ourém: «a Vila Velha», a do castelo; a «Vila Nova», a apinhada em redor da Igreja paroquial, e a «Vila Novíssima», tipo de «vila lagarta» que se estende ao longo da avenida da estrada nacional.

Considerações interessantes se podem fazer acerca das modalidades da peregrinação e das suas incidências sobre o factor de uma socio geografia. Como acontece para outros santuários, católicos ou não, a peregrinação é o mais das vezes um «fenómeno colectivo». Existe o peregrino isolado, mas a peregrinação colectiva aumenta, de certo modo, o entusiasmo do peregrino, dando-lhe a consciência de uma solidariedade indissolúvel com os seus irmãos de peregrinação. Dentro do quadro das múltiplas manifestações de piedade dos peregrinos de Fátima há uma que merece uma consideração peculiar. Trata-se do fenómeno da «circum-ambulação», que observadores particulares atribuíram a um forma mental de devoção nativa e localizada. Nada de mais errado. A circum-abulação, como é praticada por muitos peregrinos em redor da Capela das Aparições, é um fenómeno penitencial muito conhecido na História das Religiões. O rito consiste em circuir determinado número de vezes o lugar de devoção, ou a Imagem que se pretende venerar. Os antigos Celtas conheciam já o rito, que, para ser propício, devia ser executado na direcção do Sol. Os Hindus consideram purificadoras as voltas que dão em redor do santuário; os Budistas impõem aos peregrinos celtas voltas em redor dos Lagos Sagrados; e finalmente, já antes de Maomé, a religião pagã árabe utilizava abundantemente a circumambulação em redor do lugar sagrado da Ka'ba: essa cerimónia foi integrada nas práticas devocionais do Islão. Até que ponto esse rito, que tem uma leve tendência a desaparecer (pelo menos assim reparámos durante a nossa estadia em Fátima de 1946 a 1961) será uma continuação subconsciente de formas devocionais ancestrais, mais ou menos cristãs? Não o saberia dizer. O facto é que esse rito tem sempre impressionado favoràvelmente quantos, estrangeiros sobretudo, o viram praticar.

Mais uma palavra sobre os «testemunhos concretos» da peregrinação: durante a sua permanência no Santuário, o peregrino não se contenta com a «recolha» de satisfações espirituais que a visita ao lugar sagrado lhe proporciona. De regresso ao lar, o peregrino ficará em certo modo orgulhoso da viagem efectuada ao Santuário. Sabe, com efeito, que a pessoa que realizou uma peregrinação um pouco importante tem direito à consideração dos seus patrícios e vizinhos. Na verdade, ele considerar-se-á um pouco superior aos mesmos, senão pela sua virtude, pelo menos pela coragem demonstrada em enfrentar perigos ou fadigas da viagem espiritual. Em certas aldeias há pessoas que peregrinam todos os anos à Cova da Iria, e até mais vezes durante o ano. Conhecem-se logo pela familiaridade com que tratam os assuntos de viagem e de técnica relacionados com a Cova da Iria.

Para recordar a toda a gente essa viagem, desde sempre recorreu-se à «recordação palpável», ao **souvenir**. Esse objecto de recordação tem uma importância psicológica maior do que vulgarmente se pensa. Ele representa uma espécie de «intercâmbio místico» entre o lugar de peregrinação e quem ficou longe dele; agente de comunicação desse intercâmbio é aquele que peregrinou ao Santuário famoso. De começo, e ainda em certos ritos do Islão, o objecto de recordação era algo de material, relacionado vagamente com a localidade da peregrinação: pedras, terra sagrada, folhas de árvores, cortiça, tijolos, etc. A esse impulso primitivo obedeceram as massas que peregrinaram à Cova da Iria logo no começo das aparições e que tudo arrancaram da azinheira primitiva: tendo, em casa, um pedacinho de árvore, tinham a impressão de poderem ter consigo todas as graças relacionadas com o fenómeno místico. Mais tarde, porém, recorreu-se à mais cómoda «medalha», como símbolo do intercâmbio místico, faz parte das tradições eclesiásticas muito antigas. Moldadas em metais diferentes (como ainda hoje) relembravam, com uma imagem aproximativa, a característica principal do Santuário de peregrinação. Regressando da viagem, o peregrino dava-as a beijar às pessoas que

encontrava no caminho em troca de ligeira retribuição financeira. Hoje as medalhas cunhadas em metal vulgar são aos milhares, embora, infelizmente, nelas prevaleça o aspecto puramente económico (outra indicêndica geográfico-social: o surto de uma pequena indústria de cunhagem de medalhas, e do fabrico de terços do rosário, este no lugar dos Boleiros e na vizinha Serra) e não o artístico, feitas as devidas excepções.

Com a medalha, e muitas vezes em concorrência com ela, encontramos em Fátima o «ex-voto» (inscrição lapidar, figurinha humana, quadro, etc.), que entra no esquema da oferta propiciatória pela qual o peregrino pensa obter as graças pedidas, ou agradece alguma graça recebida.

35 Cfr. R. Roussel, **Les pélerinages,** Paris 1956 (com extensa bibliografia acerca dum argumento tão interessante e tão pouco conhecido).

Peirone Frederico José, **Fátima: apontamentos para uma teoria de peregrinação,** em «Letras e Artes», suplemento literário do jornal «Novidades» (XXIV), 5 de Fevereiro 1961, n.º 4.

36 Esta ideia foi desenvolvida com certa largueza num trabalho de colaboração, dirigido pelo Mestre Amorim Girão, com o significativo título: «Fátima terra de milagre» (ensaio de Geografia religiosa) Coimbra, 1958. Nele colaboraram o Mestre Amorim Girão, a Lic. da Maria Lúcia dos Anjos Santos, a Ir. Maria de Fátima de Almeida Alves, e Frederico José Peirone.

37 O assunto foi estudado em profundidade. Citaremos, para a história dos hebreus, a recente publicação de síntese G. Wegener, **6000 Jahre und ein Buch,** Edições Oncken, Kassel 1968; para o mundo semita: Moscati S., **Le antiche civiltà semitiche,** Milano 1969. Smpre para o mundo semita, com referências aos Fenícios de Cartago, G. e Colette Charles-Pichard, **La vie quotidienne à Carthage au temps d'Hannibal,** Hachette, Paris 1959. E para o mundo islâmico, o belíssimo ensaio de Xavier de Planhol, **Le monde islamique, essai de géographie religieuse,** Paris 1967.

38 A cidade de Kairuão é considerada a quarta cidade santa do Islão, depois da Meca, de Medina e de Jerusalém. A pequena urbe muçulmana apresenta interessantes elementos de estudo de Geografia Humana religiosa. Cfr.: J. Despois, **L'Qfrique du Nord,** Paris 1949; J. Despois, **Kairuan,** Paris 1930.

39 Alargámos esse tema com oportunas consirações em **Fátima, note per una teoria di pellegrinaggio,** em **L'Osservatore romano,** Città del Vaticano (CV) n.º III, 15 maggio 1965.

40 Sobre o rito da circumabulação (o **Umkreisrug** dos Alemães) podem-se ler com proveito os seguintes trabalhos:

Catão, **De re rustica,** 141;

Virgílio, **Eneida,** XI, 188;

Dione Cassio, LVI, 34, 42;

O Pontifical romano, **In dedicatione ecclesiae;**

A. van Gennep, **La ceinture de l'Eglise,** in Religions, moeurs et légendes, Paris 1908;

E. Onatsky, **Il circolo magic,** Firenze 1930;

Grimm, **Deutsche Mythologie,** Berlin 1908.

Da leitura desses textos, aos quais se poderá acrescentar **Ilíades,** XIII, 13, ver-se-á como a circumalação tem representado nos séculos uma forma válida de devoção religiosa.

41 Particular relevo merece a «confraria dos Servitas» de «Nossa Senhora de Fátima», à qual pertencem pessoas de todas as categorias sociais, que peregrinam quase todos os meses para se porem ao dispor dos peregrinos. Muitos, especialmente pessoas pobres dos arredores de Fátima, enfrentam até graves sacrifícios para cumprirem com essa afectuosa obrigação mensal!

42 Naturalmente a maioria das «lojas» existentes na Cova da Iria, e até alguns hotéis e pensões, vendem medalhas da Senhora de Fátima. Era bom, pelo bom nome de Fátima no Mundo, que as ditas medalhas fossem sempre obedientes aos mais elementares cânones da Arte ...

Cfr. ainda os nossos: **Roteiro de Fátima: apontamentos de estudo da região,** em «Fátima Missionária», Fátima (II) n.º 5, Setembro-Outubro 1956;

Fátima hoje, em «Fátima Missionária», Fátima (III), n.º 3, Maio-Junho 1957;

Fátima hoje, em «Fátima terra de milagre», ob. cit., Coimbra 1958, pp. 67-64.

CONCLUSÃO

Não há dúvida nenhuma que as aparições marianas de 1917 modificaram a estrutura vivencial da terra e da gente de Fátima. Por cima do **habitat** descrito ao longo destas páginas, criou-se, na Cova da Iria directamente, e por influência analógica nos restantes lugares da freguesia, outro **habitat** condicionado às aparições e as consequências mais humanas das mesmas, ou seja as peregrinações. Com efeito, determinou-se um «entroncamento de intercâmbios», materiais, culturais, espirituais, Esses intercâmbios geralmente locais ou nacionais (que relembram o fenómeno das «feiras» da Idade Média) podem levantar-se à categoria de «encontros internacionais»: julgamos que em nenhuma outra parte de Portugal Continental foi tão grande como em Fátima a afluência de estrangeiros durante estes últimos 25 anos; hoje há muita gente na Cova da Iria e imediações que fala quase correntemente (embora limitando-se a um vocabulário religioso-comercial) várias línguas como o francês, o inglês, o alemão e o espanhol. Esse entroncamento desenvolveu a «indústria local», sobretudo a «indústria hoteleira». Graças a Deus, desde alguns anos para cá (poderíamos dizer: desde 1951) se têm levantado em Fátima belos hotéis em estilo tipicamente português, nos quais se encontra um esmerado serviço quer no que respeita a alimentação quer no que respeita aos aposentos. Além disso, favoreceu, como vimos, a «geografia da circulação» com meios de transporte cada vez mais cómodos e eficientes e a rede rodoviária orientada ao santuário. Elementos secundários do fenómeno social ligado às aparições poderão ser uma «arte» e uma «literatura» desenvolvidas no quadro do mistério mariano que se pretende celebrar. Mas, em terras afastadas de Portugal surgiram «santuários-satélites» em honra da Senhora de Fátima, e até «aldeias-satélites», que têm o mesmo topónimo: FÁTIMA!

Muito mais haveria a dizer a esse respeito.

Contentámo-nos com a apresentação das «linhas gerais» daquelas que podem ser chamadas «elementos da revolução geográfico-humana da região fatimita», condicionada às aparições de Nossa Senhora.

Que esse aspecto positivo, no desenvolvimento da terra e da gente, além dos outros aspectos de ordem espiritual, continue sempre, sob os auspícios da amorosa Mãe de Deus.

a mensagem de Fátima

PROBLEMA ACTUAL E URGENTE

Havia e continua a haver, quase desde a primeira hora das Aparições de Fátima, certas dúvidas que com o andar do tempo se foram avolumando de maneira a tornarem não só desejado mas até urgente um esclarecimento cabal do que na Mensagem de Fátima seja realmente o seu constitutivo primário, básico e essencial.

Tal como apareceu na sua formulação primitiva e se tem ido repetindo invariàvelmente até hoje, a mensagem soa como uma advertência severa, de carácter meramente individual, dirigida a todos e cada um dos crentes, mas concentrando-se toda na alma de cada qual sem os levar a saírem para fora de si próprios em actuação benéfica para os outros, os de além; **Emendem-se! Orem! Façam penitência!**

A esta advertência, a resposta no íntimo de cada ouvinte é também **invariável** e **solitária**: «Ah! então vou-**me** emendar dos **meus** desvarios, vou fazer penitência pelos **meus** pecados; vou rezar para **me** converter deveras e pela paz.»

Será a Mensagem de Fátima uma mensagem pessoal ou antes de carácter universalista a fazer-nos debruçar sobre os outros?

Naquela data de 1917 e ao longo dos vinte anos que se lhe seguiram perpassava no íntimo de não poucas almas em Portugal, e noutras nações oprimidas pelo flagelo da guerra europeia (1914-1918), uma forte corrente de inspiração sobrenatural que impelia os corações de filhos generosos da Santa Igreja, para o espírito de oblação a Deus, em prece e holocausto de sacrifício, para desagravo dos ofensas feitas ao Senhor e também pela paz da sua pátria e do mundo; mas principalmente pela conversão dos pecadores, dos descrentes e dos transviados, pois do pecado é que vem à humanidade os castigos e as desgraças que a infelicitam. Numa palavra: tal corrente ia despertando nessas almas generosas um sentimento espontâneo, vivo, profundo e constante de compaixão pelos agravos feitos a Deus e causadores das calamidades que afligem o mundo; e de compaixão, igualmente, pelos pecadores de todos os povos e nações. Essa compaixão inclinava-as irresistìvelmente para se oferecerem a todos os sacrifícios que o Senhor quisesse enviar-lhes para ajudarem Jesus a salvar o mundo, consolarem a Deus e merecerem a concórdia entre os homens e a renovação espiritual das almas.

Antes mesmo que a Lúcia completasse o seu testemunho da história das revelações de Fátima, o próprio Papa Pio XI, recebia de Portugal, por intermédio do falecido e piedosíssimo patriarca de Goa, D. Teotónio Vieira de Castro, em audiência de 27 de

Dezembro de 1930, no Vaticano, informação autorizada do que esse movimento de expiação vitimal estava a ser na nossa terra.

A orientação universalista deste movimento oculto, mas realíssimo, não excluía de forma alguma o dever de emenda de vida nem de penitência; antes o pressupunha, pois quem se vai dedicar e sacrificar pelo bem e pela alma do próximo, se anda com a sua própria alma inimistada com Deus?

Se a observação, comprovada, do que se ia passando no íntimo das almas relanceamos a vista pelo que na vida exterior da Igreja foi ocorrendo durante os cinquenta anos que precederem as Aparições de Fátima e os cinquenta anos decorridos depois delas, verifica-se em luminosa visão de conjunto, de um século inteiro, a existência de um plano divino de colaboração mútua dos homens com Deus, grandes obras de carácter apostólico e missionário, aparições marianas e documentos pontifícios de renovação universal, ficam como marcos luminosos ao longo desse caminho secular.

De facto, assim nas grandes orientações dos Papas, executores oficiais da vontade de Deus no governo espiritual dos homens, como nas iniciativas de inspiração particular, surgindo entre o povo fiel mas reconhecidas, aprovadas e enriquecidas de graças espirituais pelos Sumos Pontífices, não se encontra uma, e elas foram tantas, que se não apresente como de carácter universal. Quer dizer, todos esses movimentos têm sido de carácter colectivo, congregando milhares e até milhões de almas à roda de uma ideia e no exercício de uma consequente actividade, orientada para um fim de carácter geral, de benefício para a colectividade humana, tanto no sector espiritual como, várias vezes, até mesmo no sector de ordem temporal mais ou menos relacionado com a paz social.

No pós-Fátima, os apelos de Pio XI à reparação expiadora em 1928 e, pouco depois, à união de todos os filhos da Igreja num exército de conquista do mundo pela actuação directa junto do próximo, especialmente dentro do seu próprio meio, a «Acção Católica», são provas claras de que a observância do primeiro e maior mandamento da Lei divina se não limita às relações pessoais de cada um de nós com Deus, fechando-nos a sós com Ele dentro de nós mesmos; mas é a Lei que nos manda fazer pela alma e salvação do próximo tudo, tudo, quanto mais possa concorrer para esse fim, seja actuando directamente junto de cada alma pela palavra ou em obras, seja pelo emprego dos meios sobrenaturais eficassíssimos de que o Divino Salvador usa continuamente, isto é, a **Oração** incessante, sua com a da SSm.ª Virgem, no Céu, e a **Oblação do Sacrifício**, perpetuando a toda a hora, no Santo Sacrifício do Altar, o holocausto da Sua Paixão e Morte no Calvário.

Fátima estava portanto nesta linha e dentro deste plano divino, da colaboração de todos e cada um dos cristãos como o seu Chefe, Nosso Senhor Jesus Cristo, na cruzada de conversão do mundo.

Pelo que respeita à oração reparadora, ao sacrifício expiador e à oblação eucarística, como o Anjo os foi ensinando aos Pastorinhos nas suas três aparições, parecia ir Ele indicando que esses três elementos eram partes integrantes dum plano de conquista espiritual, à maneira de três corpos de um mesmo exército, reforçando-se uns aos outros sucessivamente, em escala ascendente do seu respectivo valor e eficiência, em ordem ao fim pretendido: a conversão.

• A REDENÇÃO

Pela redenção o homem foi reconciliado com Deus que o reconduziu à condição de filho adoptivo e participante dos bens do Pai celeste, na Terra e depois no Céu.

Por virtude da oração permanente de Jesus e de Maria no Céu, assim como por virtude do holocausto incessante do Salvador no Calvário, renovado a toda a hora no santo sacrifício da missa, são imensos e estão à disposição de toda a humanidade os tesoros de graças divinas, não só as indispensáveis para a salvação, mas até mesmo muitas outras superabundantes, em luzes na inteligência e toques no coração, para que os homens se convertam e prosperem na na vida sobrenatural de filhos de Deus.

• SUCESSO INCOMPLETO E SUA CAUSA

Apesar disto e por infelicidade nossa, o efeito e distribuição dessas graças e frutos da Redenção e da Mediação incessante de Jesus e de Maria, sobretudo sob o ponto de vista da extensão mundial, tem sido tão deficiente que, subindo actualmente a três mil e quinhentos milhões a população humana sobre a terra, o número de cristãos (católicos, ortodoxos, cismáticos, protestantes, etc.) pouco vai além de mil milhões, ao fim de quase **dois mil anos** dessa actuação salvífica incessante de Jesus e de Maria, Ele no Céu e no altar da missa, e Ela com Jesus na bem-aventurança celeste.

A causa do insucesso da evangelização do mundo não pode ser da parte de Deus, porque é de fé que Deus quer salvar todos os homens.

Nem de Cristo, pois igualmente é de fé que morreu pela salvação de todos os homens.

A nossa oração tem poder de conquista dos infiéis e se S. Paulo insiste nela é porque esta oração é imprescindível; Deus a quer, a exige e, por conseguinte, se a eficiência da actuação apostólica de Cristo e de Sua Mãe no Céu, e de Jesus no altar não se tem estendido depressa e a toda a redondeza do mundo, a culpa é toda nossa de termos faltado com a nossa colaboração na medida da intensidade e da extensão que a vastidão das multidões a converter está reclamada.

A prece do nosso apostolado deve, porém, ser feita por nós, mas convertida em prece de Cristo pela união íntima e incessante de vida, de intenção e de coração de todos e de cada um de nós com Cristo.

Numa palavra, a nossa prece é exigida por Deus, mas só terá aceitação se, pela nossa fusão de vida e de **intenção** com Cristo, aparecer aos olhos de Deus como prece de Cristo, o Cristo total, Ele em nós e nós n'Ele.

• MOBILIZAÇÃO DO CORPO MÍSTICO

Mas, como mover o corpo místico de Cristo a uma colaboração pronta, decidida, fervorosa, vasta e universal com Cristo para a salvação do mundo? Convencer, aliciar, entusiasmar milhões e milhões de almas ... encargo difícil! Só mediante intervenção extraordinária de Deus!

A Providência divina não descurou esta necessidade através dos séculos após a pregação intensa do apóstolo aos fiéis do seu tempo àcerca deste mistério do corpo místico de Cristo. Assim oferecem Paray-le-Monial e a Fátima.

A devoção ao coração Imaculado de Maria que, mais ou menos fervorosa, foi acmpanhando a devoção ao SSmo. Coração de Jesus, antes e depois das aparições de Paray-le-Monial, só agora em Fátima teve a realçá-lo os grandes carismas divinos.

Nossa Senhora diz aos pastorinhos que Deus quer que a devoção ao Coração de Maria se estabeleça onde quer que seja praticada a devoção ao Coração de Jesus. Quer dizer, Ele e Ela nunca se encontrarão separados na actuação redentora até ao fim do mundo.

Impossível portanto duvidar de que assim como foi obra do Coração de Jesus, com a colaboração não necessária mas querida por Deus do Coração de Maria, a redenção do Mundo; assim irá sendo até ao fim do mundo obra d'Ele e d'Ela a realização e consumação dessa redenção operada no Calvário.

Com estes pormenores todos descobrem que a finalidade da devoção ao Coração de Maria é idêntica à do Coração de Jesus; amor de doação (Consagração) e amor de compensação (Reparação).

E assim, por esta devoção, que nos afervora no conhecimento e amor da SSmª. Virgem e nos incita e impele a sermos apóstolos do seu amor de Mãe, iremos todos chegar à situação desejada e indispensável de com Ela e junto com Jesus colaborarmos na redenção do Mundo, na cruzada mundial de prece e de sacrifício que é decreto e foi a recomendação mais instante e o apelo mais vivo e repetido do Anjo e de Nossa Senhora aos Pastorinhos de Fátima.

A devoção ao Coração Imaculado de Maria, não se pode já duvidar, enquadra-se pois tão íntima e perfeitamente na unidade constitutiva da Mensagem de Fátima, que o Coração da Mãe de Deus é, com o Coração de Jesus, o autor dessa Mensagem; é quem nela convoca as almas apóstolas e lhes ensina os meios — oração reparadora e sacrifício expiador — de alcançar o fim a que a Mensagem se destina; as fortalece com promessa de santificação pessoal e de salvação, sumamente alentadoras do ânimo e é quem, com os aderentes generosos a esta Cruzada Mundial de Salvação, lançada por Nossa Senhora de Fátima, combate, ora a luta pelo seu triunfo que há-de ser certo, completo e grandioso!

Que fazer para universalizar e afervorar ao máximo estas duas devoções?

A — A devoção ao Coração de Jesus

Pelo que respeita ao SSmo. Coração de Jesus, a Santa Igreja, em sucessivas aprovações a tem recomendado, encarecido e exaltado.

E foi coroa de todos estes esforços de expansão a consagração do mundo todo, fiel, e infiel, ao mesmo SSmo. Coração feita por S. S. Leão XIII em 11 de Junho de 1899, a pedido da Mensageira de Jesus a Irmã Maria do Divino Coração, do Bom Pastor do Porto.

Numerosas congregações religiosas modernas e Institutos fundados sob a égide do Coração de Jesus espalhados por todos os pontos da terra se dedicam a instruir e afervorar os fiéis na prática desta devoção salvadora.

Pode dizer-se que o culto de devoção reparadora ao Coração de Jesus tinha atingido a plenitude e universalidade já muito antes Concílio Vaticano II o confirmasse e recomendasse.

Esta difusão e intensificação de tão providencial culto é justo lembrar que se deve também em muito grande parte ao Apostolado da Oração, organismo mundial espalhado pela Companhia de Jesus em todo o mundo e nas Missões do além mar, com o nome também de Associação do Sagrado Coração de Jesus por ser em si mesmo uma forma popular e fácil desta devoção (Consagração e Reparação) e ser também o seu promotor e organizador por meio de centros organizados principalmente nas paróquias e integrados no governo da hierarquia da Igreja.

A fórmula universal e comum do oferecimento das orações e do poder de oração e reparação das obras e sofrimentos de cada dia, de todo o seu viver diário, a qual é a prece primária de todos e cada um dos associados do Apostolado da Oração, é também a concretização e a expressão verbal da colaboração simultânea de todos eles na prece e na oblação sacrifical contínuas do SSmo. Coração de Jesus no Céu e no altar.

Pela recitação desta fórmula se realiza diàriamente em dezenas de milhões de católicos o intento divino de pôr em actuação salvífica do mundo, mas em união completa com Jesus, o corpo místico de Cristo, em todas as nações da Terra.

Se o A. O., em vez de posto de lado como traste velho, ultrapassado e inútil, for, como até há pouco era, dado a conhecer o vivido pelos seus dirigentes e associados num crescendo incessante de fervor, bastará ele, para, em avanço rápido, engrossar e vivificar em proporções enormes a cruzada de união operante dos membros do corpo místico com o seu cabeça em ordem a estender ao mundo inteiro os frutos da Redenção.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus não é invenção dos homens, foi invenção d'Ele mesmo com declaração Sua de que era o **último** esforço do seu amor para salvar a Humanidade nestes últimos séculos. Era o **último** este resgate do mundo pelo incêndio do coração dos homens no fogo do amor em que por eles vive abrazado o coração do próprio Deus.

Com razão, pois, declarou Jesus: «Ai! do meu povo, se rejeita este recurso do meu amor!»

B — A devoção ao Coração Imaculado de Maria

Quanto à devoção do Coração Imaculado de Maria, que fazer?

Não tem organização própria, unitária e de carácter mundial como a do Apostolado da Oração e parelela

deste, embora o A. O., por fidelidade ao plano de Deus e sem intuitos absorventes, ofereça tudo ao SSmo. Coração de Jesus, por meio (isto é, por mão) do Coração Imaculado de Maria, como se diz na fórmula da oração quotidiana.

Mas tem esta devoção a vivê-la e propagá-la, não poucas associações piedosas e institutos religiosos de um e outro sexo. E para cúmulo, engrandecu-a em exaltação suprema a Santa Igreja quando, em Outubro de 1942, o Santo Padre Pio XII, a pedido de Nossa Senhora de Fátima, consagrou o mundo todo, fiel e infiel, ao Coração Imaculado de Maria, como S. S. Leão XIII o havia consagrado ao SSmo. Coração de Jesus.

Não estará o Exército Azul predestinado a ter em relação ao Coração Imaculado de Maria a missão que a Providência destinou ao Apostolado da Oração em relação ao SSmo. Coração de Jesus?

O seu entusiasmo pela Mensagem de Fátima, a sua confiança nas promessas da SSma. Virgem relativas à conversão da Rússia e à salvação dos pecadores cristãos, pela prática fervorosa dos primeiros sábados como devoção ao Coração Imaculado de Maria; os milhões de associados que já conseguiu recrutar na América, Europa e Ásia e lhe conferem categoria de organização verdadeiramente mundial; e todo este anseio de fazer que em toda a parte se viva o espírito de Fátima; tudo isto é já tanto que, para ficar organismo apostólico completo, o Exército Azul precisaria apenas de universalizar a sua intenção, estendendo, não apenas à Rússia mas a todos os povos do mundo, a sua prece e oblação diária do valor de oração das suas obras e do valor de reparação expiadora dos sacrifícios quotidianos, mas sempre em união de intenção e de actuação com a prece e oblação dos SSmos. Corações de Jesus e de Maria pela conversão de todas as almas transviadas, pela paz de todas as nações, pela defesa, intenções e necessidades da Santa Igreja em todo o mundo.

Talvez não falte muito para ser fácil a realização deste desiderato.

Sim: porque afinal uma coisa só parece fazer falta nesta empresa da salvação do mundo; que se esclareça inteira e definitivamente o pensamento, o sentido principal e essencial da Mensagem de Fátima; que ela é, não pode deixar de ser, antes e acima de tudo, um apelo à cristandade, saído dos corações angustiados de Jesus e de Maria para o que Os ajudem na cruzada universal de salvação do mundo.

RESUMINDO

É inegável, nunca será demais repeti-lo, que tudo, tudo, na Mensagem de Fátima e mesmo antes e fora dela, em razão da nossa fusão de vida com Cristo resultante da nossa incorporação na sua Humanidade SSma. como membros do seu corpo místico, nos prega e nos impõe a obrigação de **antepor** a todas as outras preocupações esta de colaboração de salvadores com Ele.

Por outro lado não se pode conceber intervenção **momentosa e extraordinária** de Jesus nem de Sua e nossa Mãe, na vida dos homens, como a de Fátima, senão para esta Missão da salvação de todos os seus filhos, da Humanidade inteira.

Como, porém, o êxito dessas intervenções sobrenaturais está dependente da nossa colaboração, nem a Mensagem divina, como se disse, pode deixar de abranger o mundo todo, nem seria ela completa se não incluísse o apelo à colaboração de todos nós, dos membros vivos do corpo místico de Cristo, para sua efectivação.

Convém notar aqui o seguinte: e certo que, tanto a devoção ao Coração Imaculado de Maria como a devoção ao SSmo. Coração de Jesus não podem ficar num limite estreito de devoções particulares de cada pessoa, ao serviço do seus desejos santos, interesses e petições pessoais. Não. Ambas elas, porque pertencem e estão integradas como parres inseparáveis do mesmo todo, no plano divino da redenção e são os despertadores máximos da colaboração de todos os fiéis na oração com que Jesus e Maria rogam incessantemente e Jesus se oferece em holocausto pelo mundo inteiro, ambas elas, repetimos, a devoção ao Coração de Jesus e a devoção ao Coração Imaculado de Maria, são **acima** de tudo de carácter universal, isto é, reparação pelos pecados do mundo inteiro; súplica e holocausto pela salvação da Humanidade toda.

Mas, é certo também que este carácter de finalidade primàriamente universalista não impede nem proíbe o caminho livre às expansões de devoção particular tão santificadoras para cada alma na sua intimidade pessoal com o divino salvador e a Sua e nossa Mãe SSma. Antes pelo contrário a pressupõe e deseja, porque é nessa intimidade pessoal que o coração nosso mais se funde com o amor de Jesus e de Maria e se sente impelido para o serviço d'Ele e d'Ela.

COVINA

CHAPA DE VIDRO

COMUM	PÁRA-BRISAS (planos e curvos)
FOSCO	ISOLUX
GIVRADO	ARAMADO
IMPRESSO (branco e de cor)	VIDRO ROCOLOR OPACO COLORIDO
INESTILHAÇÁVEL	VIDRO MUROLUX
TEMPERADO «ROCHEDO»	MOSAICOS DE VIDRO
PORTAS E INSTALAÇÕES	FIBRAS DE VIDRO

Qualidade superior e preços idênticos aos dos melhores produtos congéneres em condições de abastecer 100% o mercado nacional

COVINA

Companhia Vidreira Nacional, S. A. R. L.

FÁBRICAS: SANTA IRIA DA AZOIA, PÓVOA DE SANTA IRIA, MARINHA GRANDE
Telefs. 259 024 (9 linhas)

ESCRITÓRIOS EM LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 192
Telefones 56 20 31 (11 linhas)

Nossa Senhora e os pastorinhos. Vitral da Basílica de Fátima. Na capa — Monumento do Anjo e os videntes.